Haiti, que organiza leituras em escolas de todo o país, Lahens luta pelo combate ao analfabetismo. Ela também apresenta o programa de rádio "Entre Nous" e escreve regularmente para jornais de cultura do Haiti e das Antilhas, incluindo *Chemins Critiques*, *Cultura* e *Boutures*. Paralelamente, é membro do Conselho Internacional de Estudos Francófonos, uma associação internacional que promove a cultura francófona, e já realizou um Projeto de Contrato Social com a maior plataforma de organizações da sociedade civil. Ela leciona na Universidade de Port-au-Prince.

Assim que saíram do estado de torpor, os sobreviventes do terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti pensaram: "reconstrução". Com eles, Yanick Lahens retomou seu trabalho, o incansável trabalho das palavras. Este curto relato, movido pela dupla necessidade de contar o horror e a superação, é um testemunho disso. Vagando pelas ruas de sua cidade destruída, a escritora parte de sua própria experiência: antes do terremoto, ela planejava escrever uma história de amor. Revisitando o cenário devastado de sua ficção, ele é tomado pela história imediata. Como escrever, questiona-se, sem transformar a desgraça em algo exótico, sem fazer disso uma oportunidade de recrutamento?

Testemunho, impelido pela urgência, imerso de compaixão, mas também de reflexão, *Falhas* detém-se na inominável que foi a catástrofe haitiana e alerta que, para os haitianos, seria irresponsável não mudar suas percepções e seus comportamentos.

Para Yanick Lahens, a falha geológica que engoliu Port-au-Prince impediu que se ignorasse as demais – social, política, econômica. Não há fatalidade na desgraça do povo haitiano, nem mesmo nas carências das elites e da ingerência das organizações internacionais: essa é a convicção da escritora que, apesar do quadro não complacente que ela pinta da realidade de seu país, enche as suas páginas de uma formidável bravura.

608

Yanick Lahens

FALHAS

ISBN 8576314028

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

www.funag.gov.br

Yanick Lahens



FALHAS

Yanick Lahens nasceu na capital haitiana, Port-au-Prince, em 1953. Cursou o ensino superior em Paris e estudou Literatura em Sorbonne. Após concluir seus estudos, ela retornou ao Haiti e lecionou na universidade estatal École Normale Supérieure até 1995. Em seguida, trabalhou para o Ministério da Cultura. Em 1998 conduziu o projeto "Rota dos Escravos", que, por meio de atividades artísticas e científicas, tratou dos legados locais de escravidão.

Sendo uma das fundadoras da União dos Escritores do

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Yanick Lahens

FALHAS

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

FALHAS

Falhas-CORRIGIDO.indd 1 25/01/2013 16:51:15

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Embaixador Antonio de Aguiar Patriota
Secretário-Geral Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador José Vicente de Sá Pimentel

Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais

Centro de História e Documentação Diplomática

Diretor Embaixador Maurício E. Cortes Costa

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 2030-6033/6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br

Falhas-CORRIGIDO.indd 2 25/01/2013 16:51:15

Yanick Lahens

Falhas

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília, 2012

Falhas-CORRIGIDO.indd 3 25/01/2013 16:51:15

Copyright © Sabine Wespieser Éditeur 2010
Título original: Failles

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 2030-6033/6034
Fax: (61) 2030-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@itamaraty.gov.br

Equipe Técnica:
Eliane Miranda Paiva
Fernanda Antunes Siqueira
Gabriela Del Rio de Rezende
Jessé Nóbrega Cardoso
Rafael Ramos da Luz
Wellington Solon de Souza Lima de Araújo

Programação Visual e Diagramação:
Gráfica e Editora Ideal

Tradução e revisão:
Sérgio de Queiroz Duarte

Impresso no Brasil 2013

L183

LAHENS, Yanick.

Falhas / Yanick Lahens; tradução: Sérgio Duarte. — Brasília : FUNAG, 2012.
123 p.; 23 cm.

Título original: Failles.

ISBN: 978-85-7631-402-8

1. Terremoto. 2. Haiti. I. Fundação Alexandre de Gusmão.

CDU: 550.34:82-94(729.4)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Talita Daemon James – CRB-7/6078

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14/12/2004.

Este é para Philippe e Jacques Olivier
Lissa, Alain e Noah
Para os amigos da manhã de sábado,
Os de domingo, manhã e tarde,
Eles se reconhecerão
Para Alix e Fabienne
Para Roody
Para aqueles que em 12 de janeiro de 2010
partiram para sua terra sem chapéu.

Falhas-CORRIGIDO.indd 5 25/01/2013 16:51:16









Nos mais elevados planaltos do Haiti morre um cavalo,
fulminado pela tempestade secularmente mortífera
de Hinche. Perto dali seu dono contempla o país
que imaginava sólido e grande. Não sabe ainda que
participa da ausência de equilíbrio da ilha. Mas esse
acesso de demência terrestre lhe ilumina o coração:
começa a pensar nas outras Caraíbas, em seus
vulcões, em seus tremores de terra, em seus furacões.

SUZANNE CÉSAIRE
Le Grand Camouflage
(Écrits de disssidence 1941-1945)

Yo di yo fò
Yo di yo konnen
Se pa mwen ka p di yo
Tout sa yo bezwen konnen

Eles dizem que são fortes
Que sabem
Não sou eu quem lhes dirá
Tudo o que querem saber

Canção tradicional,
recuperada pelo cantor Azor

Nosso mundo não precisa de almas mornas.
Precisa de almas ardentes, que saibam dar
à moderação seu verdadeiro lugar.

ALBERT CAMUS
Combat, 26 de dezembro de 1944

Falhas-CORRIGIDO.indd 7 25/01/2013 16:51:16

Falhas-CORRIGIDO.indd 8 25/01/2013 16:51:16

Sumário

Prefácio 11
Era uma vez uma cidade 15
Falhas 19
O acontecimento ou o dedo de Deus 23
O céu dos trópicos, à noite, nesta estação 27
Continentes à deriva 29
O dia seguinte 33
Pétion-Ville, Canapé-Vert, Delmas e um sabor sofisticado 37
Más notícias, as boas também e as visitas 41
Alto de Turgeau, Delmas, Debussy e Pacot 45
Notas para um romance 49
Regresso à casa 51
Port-au-Prince 55
Como escrever? O que escrever? 59
Artigo para *Libération* 61
Passagem no coração do estupor 65
Os acampamentos ou o fim de um sistema? 67

Falhas-CORRIGIDO.indd 9 25/01/2013 16:51:16

Os amigos da manhã de sábado 71
Nathalie e Guillaume....75
V. encontrou o celular de seu cônjuge, as crianças partem. Lissa, Fabienne e Alix chegam. Não viajarei....77
O declínio da classe média....81
O privilégio é um país estrangeiro 85
O sussurro dos começos....89
Os amigos da manhã de domingo....91
O *homo politicus* ou uma das faces de Janus 95
O *homo economicus* ou a outra face de Janus....99
A véspera do dia dos namorados 103
Um desejo já indiscreto 105
Os amigos da noite de domingo 107
Uma oficina para reconstruir-se....111
O tempo se alonga, minhas palavras também....115
Ainda não sei 123

Falhas-CORRIGIDO.indd 10 25/01/2013 16:51:16

Prefácio

A hecatombe que se abateu sobre a região metropolitana de Porto Príncipe em 12 de janeiro de 2010 propiciou a publicação de muitos testemunhos. Vários escritores estrangeiros e haitianos da diáspora participavam em Porto Príncipe do festival literário *Étonnants Voyageurs* e, uma vez a salvo no exterior, relataram suas experiências e sentimentos. Todavia a realidade ia muito além da literatura e os testemunhos – breves páginas de vida e de morte – demonstravam fôlego curto.

No conjunto da literatura sobre a catástrofe se sobressai a pungente *Falhas*, notável em sensibilidade, sobriedade, fineza e de grande valor literário. A primorosa tradução do Embaixador Sérgio Duarte concede à versão brasileira a qualidade da versão original francesa.

Entre os inúmeros méritos de *Falhas* está o fato de sublinhar, previamente à feitura da obra, um conjunto de obstáculos e limitações próprias a arte da escrita. Em face da monstruosidade do vivido, indaga Yanick: Como testemunhar?

Frente à enormidade da dor, as palavras estão em descompasso, atrasadas, inaptas e incapazes de refletir o indizível, o indescritível, o desumano sofrimento. A razão indicaria ausência de solução. Ou correr o risco de elaborar um inventário de horrores cuja descrição não somente estará aquém da realidade, mas também abrigando um grande potencial para traí-la.

Como fazer para encontrar palavras e expressões que façam justiça ao injusto, que sejam fiéis ao extraordinário vivido, que não sucumbam à

Falhas-CORRIGIDO.indd 11 25/01/2013 16:51:16

tentação do catastrofismo, que não resultem em pieguice e muito menos em voyeurismo?

A morte, a destruição impiedosa, o sofrimento, a angústia, as lágrimas, mas também a solidariedade, o olhar digno, a mão estendida, o copo de água alcançado, o sorriso esboçado, o canto que se eleva e domina o medo do breu da noite.

Escrever sobre o terremoto constitui tarefa para raros. Entre estes Yanick ocupa com *Falhas* um lugar especial. Com a força aguda de sua leveza ela conduz o leitor a percorrer os meandros da cidade martirizada e fornece ao longo da caminhada algumas chaves que revelam segredos bem guardados. Sobre eles e sobre nós, integrantes da chamada Comunidade Internacional. Da silente intelectualidade haitiana surge a palavra da ficcionista a lembrar verdades que não podem e não devem calar-se.

Trinta e cinco segundos bastaram para recordar que o Caribe, exuberante e sedutor, é também uma região de grandes riscos sísmicos. No caso do Haiti estes riscos foram acentuados pela densidade demográfica, pela localização e pela extrema precariedade na qual vive a grande maioria da população.

O impacto do terremoto sobre os níveis de pobreza e de miséria fez com que o país recuasse aos índices de 2001. Ou seja, 71% da população sobrevivia pobremente e 50% na absoluta miséria. Contudo, a situação era ainda muito mais grave na zona afetada pelo sismo. Ocorre que, ao contrário da tendência nacional, a pobreza e a extrema pobreza haviam aumentado em 13% na ultima década na região metropolitana de Porto Príncipe. A hecatombe tornava dramática uma situação já insustentável.

Se havia ainda alguma dúvida sobre a natureza do desafio haitiano – o permanente dilema entre segurança e desenvolvimento – o sismo colocava a todos de acordo. Todos? Não. Os parceiros mais importantes decidiram militarizar ainda mais sua presença. Junto com esta chegou a ajuda de emergência. O mundo acorreu à cabeceira do moribundo.

Os recursos deveriam ser desembolsados ao longo de um período de cinco anos. O que não havia sido especificado aos Haitianos era o fato que eles não seriam seu receptor, mas sim as organizações internacionais – públicas e privadas – que atuavam no Haiti. Mais um dos numerosos quiproquós – este de gravíssimas consequências – que permeiam constantemente as relações do mundo com o Haiti.

A extraordinária reação dos haitianos frente à catástrofe provoca ao olhar estrangeiro, além da piedade e da compaixão, uma tentativa de interpretação. Surge com o selo do inquestionável posto que além de ser

Falhas-CORRIGIDO.indd 12 25/01/2013 16:51:16

uma visão exógena, pretende ser também um elogio. Descobre-se que os haitianos possuem uma surpreendente capacidade de recuperação. Logo os observadores estrangeiros cunham a expressão *resiliência* como sendo um dos traços marcantes de seu caráter nacional. Ela deve servir de chave mestra para compreender o incompreensível, para facilitar a aproximação cultural, para tornar inteligível uma realidade indômita. Como provas são pinçados exemplos ao longo da atribulada história do país.

A incompreensão prossegue. Muito além da capacidade de recuperar-se frente aos desmandos dos homens e da fúria da natureza, o que move o povo haitiano é uma capacidade de luta, dotado de uma forte espiritualidade e de um amor ilimitado à vida, "sem ilusões e sem renúncias". Da condição humana, os haitianos extraem sua essência que não é outra senão o apego à vida. Em suas plenitude e totalidade.

A eles pode-se aplicar o lamento de um Bispo católico, personagem de Gabriel Garcia Márquez em *Del amor y otros demonios*, sobre as incertezas que circundam sua missão: "Hemos atravesado el mar oceano para imponer la Ley de Cristo, y hemos logrado en las misas, en las procesiones, en las fiestas patronales, pero no en las almas".

Caso o terremoto fosse resultante de uma vontade deliberada e decidida a provocar a maior desgraça possível ela não poderia ter agido com maior eficácia. Escolheu o país mais empobrecido do Continente, habitado por um povo despreocupado com as ameaças que se encontram logo abaixo de seus pés e cujo Estado demonstra absoluta incapacidade em fomentar políticas públicas. Enfim, elegeu como epicentro sua região mais densamente povoada.

Yanick Lahens com seu pequeno grande relato junta-se a Alejo Carpentier na busca das raízes e da alma haitianas. E de nossos desencontros. O também breve e igualmente extraordinário romance *O Reino deste Mundo* de Carpentier (1943) sobre a independência haitiana é aberto com um Prólogo em forma de manifesto no qual ele lança as bases teóricas do *real maravilhoso*.

Para Carpentier a revelação do Haiti constitui tão somente a fagulha que ilumina a verdadeira identidade e originalidade do continente, pois a América "está longe de haver esgotado seu caudal de mitologias". A dramática singularidade dos acontecimentos e a fantástica postura dos personagens da independência haitiana tendem a demonstrar que a história de toda a América conforma uma crônica do real maravilhoso.

Falhas-CORRIGIDO.indd 13 25/01/2013 16:51:16

Os extraordinários acontecimentos de 1804 encontraram inúmeros e competentes narradores. Os de 2010 são trazidos em boa hora ao leitor brasileiro graças a *Falhas* com a esperança que a sincera solidariedade que nos move possa em elas inspirar-se.

Ricardo Seitenfus

Manágua, dezembro de 2012.

Falhas-CORRIGIDO.indd 14 25/01/2013 16:51:16

Era uma vez uma cidade

Nós a amávamos apesar de seu jeito de estar no mundo, que muitas vezes contrariava nossos sonhos. Nós a amávamos, teimosa e devoradora, rebelde e travessa. Com suas comoções de tormenta e fogo. Com sua insolência em meio aos divertimentos de carnaval. Seus segredos invencíveis. Seus mistérios, donos das encruzilhadas à noite. Seus silêncios alucinados. As coxas lentas de suas mulheres, os olhos de fome e de fagulhas de suas crianças, as aparições fosforescentes de seus deuses. Pela doçura-surpresa-e-cor nas nuvens inflamadas das tardes em sua baía.

Nós a amávamos apesar de sua miséria. Apesar da morte que conforme a estação percorre as ruas com o rosto descoberto. Sem remorsos. Sem sequer piscar os olhos. Nós a amávamos por sua energia transbordante, de sua força capaz de nos comer, nos engolir. Por causa das crianças vestidas de uniforme escolar que a incendiavam ao meio-dia. Por causa da pletora de carnes e de imagens. Por causa das montanhas que parecem constantemente querer avançar para tragá-la. Por causa do sempre demasiado. Por causa daquele seu jeito de nos possuir e não nos soltar. Por causa de seus homens e mulheres de relâmpago. Por causa de... Por causa de...

E eu a amava naqueles minutos fugazes em que um dia inundado de luz escorre em direção a um crepúsculo langoroso de tons violeta e laranja. Aqueles minutos nos quais, nos quatro cantos da cidade, fogueiras se alçam nas pilhas de lixo e nos queimam os olhos. Aquele momento em

Falhas-CORRIGIDO.indd 15 25/01/2013 16:51:16

que piromaníacos crucificam sua miséria para fazê-la calar-se. No qual avançávamos apaziguados, meio cegos em meio a uma bruma mentirosa, mas mesmo assim avançávamos. Aquele momento em que podíamos escutar-nos uns aos outros durante horas. Aquele momento da palavra nua. Forte. Sem os ouropéis, sem as muletas do mundo. Aquele momento em que íamos buscar a palavra muito longe ou na própria essência da vida. As palavras que chegavam dessas terras eram longínquas, doces, agitadas por risos, esgarçadas, queimadas, frágeis, poderosas, preciosas.

No dia 12 de janeiro de 2010, às 16 horas e 53 minutos, em um crepúsculo que já procurava seus matizes finais e iniciais, Port-au-Prince foi cavalgada durante menos de quarenta segundos por um desses deuses de quem se diz alimentarem-se de carne e de sangue. Foi selvagemente cavalgada antes de desabar com os cabelos hirsutos, os olhos revirados, pernas deslocadas, sexo exposto, exibindo suas entranhas de ferragens e poeira, suas vísceras e seu sangue. Entregue, despida, nua. Mesmo assim, Port-au-Prince não era de forma alguma obscena. O que era obsceno, e ainda permanece, é o escândalo de sua pobreza.

No dia 12 de janeiro de 2010, às 16 horas e 53 minutos, o tempo se fendeu. Em sua falha, sepultou para sempre os segredos de nossa cidade, engoliu uma parte de nossa alma, a alma que ela havia pacientemente esculpido à sua imagem desmedida. Em sua falha, o tempo levou nossa infância. Desde então somos órfãos de cem lugares e mil palavras. As ruas brincam de cabra-cega, *lago kache*, com nossas lembranças. Certas fachadas são sombras e nelas já rondam fantasmas que acreditamos tocar com os olhos.

Porque nos habituamos ao tempo que passa, inexorável, mas não a sua queda tão brutal.

Já não saberemos o que contar a nossos netos. Nossas palavras de anciãos ressoarão como refrões aos ouvidos deles. Eles suspeitarão de que perdemos o juízo e não prestarão atenção ao que nossos lábios balbuciarão. Ao que nossos gestos desenharão diante de seus rostos. Para eles, nossos dedos nodosos permanecerão para sempre mudos.

Era uma vez uma cidade onde os cortejos fúnebres da igreja de Santa Ana eram tão animados quanto um espetáculo da *commedia dell'arte*, onde os escribas, sentados na calçada entre o Palácio nacional e a diretoria geral de Impostos reformavam a identidade de quem pedisse.

Era uma vez uma cidade de lembranças-donzelas e de palavras--que-estremecem-e-sorriem, cem vezes reinventada por seus poetas:

Falhas-CORRIGIDO.indd 16 25/01/2013 16:51:16

Omabarigore a cidade que criei para ti
Tomando o mar em meus braços
E as paisagens em torno de minha cabeça
.....
Omabarigore onde tangem
Todos os sinos do amor e da vida[1].

Era uma vez uma cidade onde pés cheios de calos se misturavam com outros pés cheios de calos em um mercado de cabelos de ferragem, que parecia erguer-se para olhar sua irmã gêmea nas margens do Bósforo.

Era uma vez uma cidade onde as eras se superpunham como num telescópio em vertiginosa agitação: BlackBerry, *tap tap*, som que feria os ouvidos, carregadores suarentos, 4 x 4, betume e lama. "*Madam fem kado yon ti monnen tanpri*."[2]

Era uma vez uma cidade onde duas catedrais lado a lado pareciam cochichar-se os relatos de suas antigas epopeias, seus sobressaltos, sempre tão imprevisíveis quanto suas ternuras e certamente seus sortilégios.

Era uma vez uma cidade onde as árvores e os deuses velavam durante a noite:

Port-au-Prince dorme
e a seu redor vagueiam as planícies
trazendo até nossos pés suas conversas de lenha seca[3].

Era uma vez uma cidade onde um homem e uma mulher avançavam no fogo devorador de um encontro...

... em Pacot. Daquela altura pode-se ver Port-au Prince no incêndio do crepúsculo.

É a hora em que se assiste ao crescimento do silêncio que filtra a grande algazarra dos dias que passam e repassam...

Era uma vez uma cidade.

[1] Davertige, *Anthologie secrète*, Mémoire d'encrier, Montréal. 2003.
[2] Madame, uns trocados, por favor.
[3] Syto Cavé, *Mémoires d'un balai*, 1971.

Falhas-CORRIGIDO.indd 17 25/01/2013 16:51:16









Falhas

Falhas foi o primeiro título que se impôs diante de mim. Impossível ouvir esta palavra sem sentir a ponta aguda de um objeto, ali, no peito, no lugar do coração. Impossível ouvi-la sem me ver novamente acima de um grande buraco aberto, sentindo nos ouvidos um rumor que se incha e sobe para cair outra vez em forma de milhares de facas. Ao escutar essa simples sílaba*, não posso evitar um olhar sob meus pés. Ao escutar essa simples sílaba, tenho alucinações e sentirei como milhares de outros, durante dias e dias, a terra tremer debaixo de mim. Às vezes me domino para não perder o equilíbrio e desmaiar.

Falhas, uma palavra que jamais se ouvira antes de 12 de janeiro de 2010. Não daquela maneira. Uma palavra buraco negro. Uma palavra sangue. Uma palavra morte. Uma palavra que repentinamente provoca ressonâncias insuspeitadas.

Como não permitir nestas páginas que entre o que é externo, o desconhecido que surpreende, perturba, extravasa os limites. Nestas páginas, nenhum pensamento exaustivo. Somente idas e vindas em equilíbrio precário como sobre a crista de uma onda na qual procuro suscitar perguntas, decifrar sombras, remexer dúvidas. Compreender. Sem resposta peremptória, conclusiva, definitiva. Sem nenhuma daquelas sentenças totalitárias, tão mortíferas quanto as lajes de 12 de janeiro.

Escrevo para tentar saber.

Somente um pouco mais.

* Em francês, a palavra *failles* é pronunciada com uma só emissão de voz. (N.T.)

Falhas-CORRIGIDO.indd 19 25/01/2013 16:51:16

Mas não me curarei.

Não quero curar-me. Não escrevo para me curar. Escrevo para meter tudo em cada página e conjurar a ameaça do silêncio linha após linha. Esperando recomeçar.

Sim. *Falhas*. Uma palavra jamais ouvida antes de 12 de janeiro de 2010. Esmagado, dobrado sob o peso das imagens, o pensamento me parecia enterrar-se, sem poder avançar mais. Momento de pensamentos petrificados, balbuciantes, brancos. Brancos de intensidade contida. Às vezes brancos pela ausência de palavras.

Que palavras são válidas quando as entranhas de uma cidade ficam expostas, oferecidas às moscas que dançam na pestilência? Que palavras têm peso diante de homens e mulheres obstinados, enlouquecidos de vida, que na poeira e escombros da morte se aferram a reinventar a vida com as próprias mãos? Um homem silencioso atravessa a rua, com o filho desconjuntado nos braços, como um boneco ensanguentado. Uma mulher, sentada na calçada, balança o torso para a frente e para trás, entoando salmos em voz baixa, com o braço estendido em direção a uma casa que já não existe.

Porém, como descrever esta desgraça sem que da confrontação ela ressurja duplamente vitoriosa e a literatura irreconhecível? Como escrever para que a desgraça não ameace o próprio lugar onde existem as palavras? Pergunta que há muito tempo me atormenta e jorra da noite de 12 de janeiro. Como escrever evitando tornar exótica a desgraça, sem fazer dela uma oportunidade de sedução, um objeto de comércio, artigo de exibição em uma feira? Como colocar-se à altura da desgraça?

Esta terra de palavras, a única que nos pertence, a nós escritores, se fende e se arrisca a rachar-se se não tivermos cuidado. Enorme falha sob nossos pés. O tempo da informação, da rapidez, da imagem, corrói por dentro a única coisa que vale a pena, a única pela qual o escritor deveria colocar-se em perigo e não em representação. Como escapar a essa armadilha, de pés e mãos atados?

Escrever para repatriar a desgraça ao lugar que lhe cabe. O centro. Porque o que se abateu sobre nós no dia 12 de janeiro não é uma desgraça de periferia, uma desgraça do "quarto mundo". É uma desgraça de primeiro mundo, assim como de todos os outros. Meu amigo, o escritor Émile Olivier, hoje falecido, dizia de seu exílio em Montréal: "Todas as manhãs, acordo com uma dor lancinante. Não adianta tomar analgésicos, não consigo livrar-me dela e a cada manhã ela me agarra pela garganta: Haiti, Haiti, como vai tua dor?". Precisamos fazer-nos essa mesma pergunta, porém estendê-la ao mundo: "Bom dia, mundo, como vai tua dor?"[4]

[4] Émile Ollivier, *Repérages*, Leméac Éditeur, Montréal, 2001.

Falhas-CORRIGIDO.indd 20 25/01/2013 16:51:16

René Depestre falou com precisão da ternura do mundo para com o Haiti. O mundo se debruçou, generoso, e balbuciou as primeiras palavras de uma solidariedade que anunciava nova. Bastou descerrar os olhos e ela já assumia os traços claros da antiga.

Os grandes pássaros de rapina, tão ávidos pela morte que serve de repasto, já abriram as asas. A bela toalha branca dos festins já foi estendida por cima da falha.

Perdemos a pista de nossos sonhos e diante das urgências de fundo surfamos na superfície ou tentamos ainda utilizar jazidas há muito extintas.

Mesmo assim, não falamos todos em "refundação"?

Minha utopia pessoal adotou, em poucos dias, os olhos de Makenson, de Nadia, de Feguens, o sorriso de Gaétan, de Erncia, de Peter, de Eslain, a vitalidade de Lissa, de Samy, de Narcisse, de Dady. Era fim de fevereiro no acampamento de refugiados do Clube Pétion-Ville.

Ao longo dos dias, o riso invencível, quente e sadio novamente jorrou como uma bravata, um desafio à desgraça. O das crianças, Chloé, Ale, Sarah, o de Noah, mais do que tudo, partiu o dia em dois, como uma goiaba. Corte da cor vermelha da vida. Gosto de alegria intacta. Gosto de sol na boca.

13 de fevereiro. Noite no interior. Véspera do Dia dos Namorados. A globalização exige. Palavras-desejo, palavras conivência e espera, palavras pele contra pele crepitaram em um aparelho de rádio. O jornalista percorre a passos largos o acampamento de refugiados de Champ-de-Mars. As vozes de Kétia, de Erwin e dos demais, ardentes e juvenis, iluminaram a noite com chamas doces, conjurando qualquer desgraça futura.

Quando se regressa do inferno, cada beijo tem sabor de imortalidade.

Naquela noite, fiz surgir Nathalie e Guillaume, aquele homem e aquela mulher no alto de Pacot, aquele homem e aquela mulher cujas sombras eram simplesmente esboçadas sobre folhas amareladas, vindos de meus escombros interiores, quase como seres de carne e osso. Com os espectros desesperados que já habitam neles, a mesma paciência modelada de sonhos em marcha e sempre essa busca do abraço miraculoso. Sempre. Sempre.

Eles me acompanharam até a alvorada e não mais me deixaram.

Falhas-CORRIGIDO.indd 21 25/01/2013 16:51:16









O acontecimento ou o dedo de Deus

Estou no *living* com meu sobrinho Noah. Dois anos e quatro meses. É o momento de nossa pausa de conversação e leitura. Mal começo a soletrar para ele o mundo e ele, com as mãos no queixo, está atento como no início de uma viagem. As crianças são como os navegantes. Onde quer que mirem, é a expedição e o espaço aberto. No livro do momento, *Je suis fou de vous*, de Dany Laferrière, há uma atração especial para com esse senhor de terno de alpaca branco, chapéu e sapatos impecáveis, que atravessa as páginas imperturbável e ereto como uma palmeira, apesar da agitação à sua volta, apesar do sol, apesar da chuva e do "velho vento caraíba".

Uma rã surge do nada e salta para o vaso de uma planta. Abandono Noah. Vou em direção à rã. Gostaria que Noah viesse a meu encontro. Era para falar de alguma coisa muito viva, ali, sob nossos olhos. Chamo-o com suficiente mistério e surpresa na voz para arrancá-lo a seu livro de figuras.

Porém, em vez da voz de Noah, o que me responde é um ronco surdo, o rugido de um animal, e na fração de segundo seguinte sinto a terra remexer-se, do oeste para o leste, num movimento terrível. Desloca-se dois metros em cada sentido como se o animal enroscado em suas entranhas quisesse sair.

Não sei como cheguei ao portal (um branco total em minha memória), mas minha imagem ali de pé permanece em minha cabeça. Não me deixa e não mais me deixará. Revejo-me com as palmas das mãos

Falhas-CORRIGIDO.indd 23 25/01/2013 16:51:16

de cada lado da moldura da porta para não cair, mas também como para impedir que a casa desabe. Ao balanço de oeste para leste juntam-se movimentos de cima para baixo. Volto a cabeça para a esquerda e vejo meu carro saltitar. Espero o momento em que o veículo comece a avançar sozinho e desça a ravina dos fundos.

Logo depois, corto em pedaços os trinta segundos de duração do tremor. Digo a mim mesma que é uma loucura o número incrível de pensamentos e imagens que podem atravessar nosso espírito em trinta segundos. Eles se entrecruzam, se chocam, ainda que em minha cabeça eu saiba imediatamente que se trata de um terremoto e pronuncie o nome do engenheiro Claude Prépetit, o sismólogo haitiano que há vários meses se dedica a anunciar por meio das ondas a iminência de um sismo. Pregou em um deserto quase total. Não fomos suficientemente numerosos ao levar a sério suas advertências. Em seguida o perceberia, falando a meu redor. Mas naquele instante o medo é mais forte do que aquela certeza, e mesmo assim, grito: "Meu Deus, não é possível". Como compreender?

Corremos todos para o portal. B., meu filho caçula, silencioso como um túmulo, minha mãe, que teve uma dificuldade terrível para levantar-se da cadeira, Idana e Maxo. De toda parte vem um rumor como uma vaga, um único grito imenso: "*An mwe!!! Sekou!!! L'etênel!!!*".[5]

L., um vizinho, entreabre a porta, enfia a cabeça e me pergunta se estou bem. Respondo: "Estou, e você?" Percebo que ele está prestes a sentir-se mal, com os olhos esbugalhados.

"*Sa ka p pase*?" pergunta-me ele.

- *Yon tranblemann te.*

- *Kisa?*[6]

No final da rua, três corpos no pavimento. Os muros do centro cultural brasileiro desabaram sobre eles. Com G. e alguns outros, encaminhamo-los para a maternidade da esquina. Eles não estão mortos. A emoção é intensa.

Na direção da praça Boyer, a poucos metros do beco sem saída, homens e mulheres de joelhos, com os braços erguidos para o céu, apelam para a ajuda de Deus: "*Letènèl, pitye pou nou*". Um homem pede perdão por seus erros: "*Padon*, *Seyeur padon*".

Primeiro e segundo choques secundários. As comunicações telefônicas estão cortadas. De qualquer maneira, em minha confusão, esqueci o celular dentro de casa. Nem sequer pensei nisso. Tento comunicar-me com P. pelo telefone de L. Sem sucesso. A., meu irmão, chega correndo meia hora depois e me informa que P. conseguiu comunicar-se.

[5] Socorro!!! Socorro!!! Deus eterno!!!

[6] Que aconteceu?/Um tremor de terra/O quê?

Falhas-CORRIGIDO.indd 24 25/01/2013 16:51:16

Está preso no subsolo do lugar onde trabalha. Não compreendo bem imediatamente o que A. me diz. Ele pede as chaves de meu carro para ir buscá-lo. Ainda sem perceber a extensão dos danos, tenho dentro de mim a certeza de que P. voltará, como todos os dias. Que não se trata senão de um incidente menor. Não foi um incidente menor, mas ele voltou. Tarde, mas voltou. Outros não tiveram essa sorte. Outros, habituados à mesma certeza, não viram jamais o regresso dos seus. A certeza nada tem a ver com o dedo de Deus.

Terceira e quarta réplicas. Mesmo assim, entro em casa para recuperar meu telefone. Ele me acompanha. Superou rapidamente o medo. Da janela de meu quarto olho a favela do outro lado do muro. O rumor também vem de lá. No entanto, sequer uma casinhola desmoronada. Nada.

Acomodamo-nos nas cadeiras que sempre ficam diante de minha porta, onde os jovens e os menos jovens se instalam para as conversas quotidianas. Todos os habitantes de nosso beco saíram de suas casas. As cadeiras não são suficientes. Os mais valentes vão buscar outras no interior, com o medo na alma. Eis-nos todos sentados em círculo. Falando pouco ou contando pela quinta ou sexta vez o que estávamos fazendo no momento do tremor. Naquela noite compartilharíamos tudo, água, biscoitos, pão, manteiga de amendoim... Apenas algumas estações de rádio funcionam. Consigo captar a Sinal FM e a RFI. Não adianta procurar meu computador sob a laje de concreto. Ao escutar as primeiras notícias (desabamento do Palácio Nacional, do prédio que abriga a Minustah, do hotel Montana...), a angústia se instala, mas mesmo assim eu ainda não percebo a extensão da catástrofe.

De vez em quando abraço Noah. Com força. Ele se mantém estranhamente silencioso, ele que costuma ser tagarela. Quando chega o pai, ele procura explicar alguma coisa à qual ninguém presta realmente atenção. B. está sentado a meu lado. Abraça-me durante alguns segundos.

A noite cai rapidamente. P. me chama finalmente às 18:30. Conseguiu safar-se, mas tem dificuldade em narrar-me o que passou, em descrever-me o que ocorre sob seus olhos.

Penso em meu filho em Nova York. Não posso alcançá-lo para tranquilizá-lo. Não posso entrar em contato com minha irmã em Miami, meus parentes na França, meus amigos de toda parte.

Ao voltar, minha vizinha da direita, J., nos informa que Micha, seu companheiro, militante político de longa data, está preso sob os escombros do ministério da Justiça. Ela havia falado com ele cinco minutos antes do sismo e conseguiu contatá-lo depois. Ele está ferido na perna, sente dores, mas a moral é elevada. S., minha vizinha da esquerda, chegou muito

Falhas-CORRIGIDO.indd 25 25/01/2013 16:51:16

tarde. A irmã está presa sob os restos das paredes da escola que dirige. Conseguiu falar. Também está viva. A espera fez ninho dos dois lados de minha casa.

Toda a família mais ampla encontra refúgio em minha casa. Somos agora dezesseis pessoas a ocupar o espaço. Entro para recuperar tudo o que posso, como lençóis, cobertas e travesseiros. Ao passar, noto que minha biblioteca está de pernas para o ar. Os livros estão espalhados pelo chão e ao longo da escada que leva ao subsolo. Não experimento nenhum sentimento exceto a certeza de que ficarão muito tempo naquele estado. Minha energia está distante dali.

P. retorna cerca de 21 horas. Levou três horas e meia para perfazer um trajeto que costuma lhe tomar meia hora. Estamos pendentes de seus lábios. P. fala com dificuldade. Mas diz o suficiente para que comecemos a compreender. Ele me diz: "Vi o Apocalipse". Pensei naquela frase de meu mais recente romance, que escrevi três vezes e depois retirei, para finalmente reescrevê-la: *O Apocalipse já ocorreu tantas vezes nesta ilha...* A frase me perseguiu muito depois da publicação do romance. Muitas vezes me perguntei se não teria ido longe demais. A expressão, porém, me parecia adequada a um período recente de nossa história no qual precisamente a morte percorria as ruas sem temor. Como não era o único período em que nos aproximamos do pior, senti-me autorizada a escrevê-la. Naquela noite tive a sensação que a frase me alcançava novamente. De outra forma. Mas mesmo assim me alcançava.

Falhas-CORRIGIDO.indd 26 25/01/2013 16:51:16

O céu dos trópicos, à noite, nesta estação

Gosto especialmente do céu dos trópicos nesta estação. Estrelas em profusão. Dádiva de beleza, oferecida, sem esforço. Sem nada em troca exceto esse puro prazer. O céu parece baixar, debruçar-se em sua generosidade para fazer-nos tocar as estrelas.

O gosto pelo céu nesta estação vem de longe, muito longe. Uma noite de minha infância. Estamos em Obléon no fim do mês de dezembro ou começo de janeiro. Obléon fica a mil e duzentos metros sobre o nível do mar. Estou sentada ao ar livre sob um cobertor de lã junto com outras crianças. Um adulto conta histórias. Os outros riem. Eu não. Estou longe. Nem sequer ouço o que diz a voz. Estou inteira na beleza do céu, tão grande que me assusta, me sela a boca e a alma. Se abrisse a boca não sairia nenhum som. Nenhum.

Depois, em minha lembrança, sei que domestiquei meu medo como era preciso, imaginando que ao estender as mãos as estrelas cairiam sobre as palmas. Que elas me contariam lendas de ventos de areia da garganta de Griots, de neve e sol das terras do Grande Norte e o riso das mulheres que caminham descalças na poeira do Velho Testamento.

Sempre senti falta do sol quando me vi em outras latitudes nessa estação. Alhures, onde os céus não ficam tão carregados de outros tempos, tão carregados de outros céus, onde os céus não são tão errantes.

Repentinamente me dou conta. Nunca havia olhado o céu naquela noite de 12 de janeiro, contrariamente a meu hábito. Ele me teria parecido

Falhas-CORRIGIDO.indd 27 25/01/2013 16:51:16

deslocado, falso e arrogante por sobre a desgraça. Um céu como um vestido de mau gosto. De brilho enganador.

Dormimos todos dentro dos carros. Menos P. Recusa-se e me diz que, como não morreu naquela tarde, não morrerá tão cedo.

Através da vidraça do automóvel contemplo a massa sombria de árvores contra a escuridão. Lentamente a noite de fora encontra a de dentro. Todas as fomes, todas as sedes do dia atacam nessas horas. Hoje são imensas. Penso em P., que escapou da morte, em meu filho sem notícias de nós. Nos mortos e feridos que o rádio informa e nos que não são anunciados. Em minha garganta nascem palavras silenciosas, em minha cabeça desfilam imagens em claro-escuro: Haiti. Não uma, e sim duas falhas. Uma história peculiar, tão peculiar. E ainda mais sofrimento. E miséria. Por que nós? Sempre nós? Como se o que tivemos não fosse bastante. Fim de 2009, uma luz na extremidade de um túnel sombrio. Luz extinta em menos de quarenta segundos. Como se estivéssemos no mundo apenas para medir a extensão da desgraça. Sempre, sempre...

As noites são frescas. Puxo mais a coberta. Começo a imaginar o que virá depois da noite. Amanhã. Depois de amanhã. Os dias seguintes. A mãe protetora, animal, surge de muito longe. Me invade. Me submerge. Sinto-me capaz de morder, de escalar cumes, de ficar acordada por noites e noites para cuidar dos meus. Alguns dias mais tarde eu diria a mim mesma que nessas profundezas imemoriais, primárias, é que fui buscar o personagem da mãe de *La Couleur de l'Aube*. Mais tarde, penso, refletirei sobre todas as teorias feministas relativas a essa questão.

Ao adormecer, interrogo-me sobre o que poderei realmente escrever diante dessa coisa enorme que desabou sobre nós. Que acontecerá com as notas rabiscadas, com Nathalie e Guillaume que já tomavam forma nas linhas do caderno amarelo?

A noite fica carregada de pensamentos tristes.

Falhas-CORRIGIDO.indd 28 25/01/2013 16:51:16

Continentes à deriva

A definição do dicionário nada revela sobre esse horror que nos tomou no dia 12 de janeiro de 2010. Falha: rompimento das camadas terrestres acompanhada de um desnivelamento tectônico das placas separadas. Essa é a definição neutra, fria, clássica, de um fenômeno geológico, afinal de contas, bastante frequente e bastante comum. Fenômeno que embora em silêncio, milímetro por milímetro, fração de segundo por fração de segundo, ocorre a muitos quilômetros sob a crosta terrestre. Fenômeno desconhecido para a grande maioria dos haitianos, mas conhecido por alguns de nós, que preferimos esquecê-lo. Além disso, afinal de contas, a terra parecia estar bem firme sob nossos pés. Então, por que preocuparmo-nos? Porque esse metabolismo longínquo e silencioso é de tal forma lento que pode servir de álibi para o esquecimento, de pretexto para a passividade, de desculpa para a ignorância.

Alguns dentre nós sabíamos que Port-au-Prince havia sido destruída duas vezes no século XVIII e Cap Haïtien uma vez no XIX. Alguns dentre nós havíamos lido no ano anterior relatos preocupantes sobre a falha de Enriquillo, que atravessa todo o sul da ilha, desde a extremidade ocidental de Tiburon, no Haiti, até a cidade de São Domingos, na República Dominicana. Os mesmos que sem dúvida haviam também prestado atenção aos múltiplos alertas lançados por Claude Prépetit. Mas como nada se movia debaixo de nós, a grande maioria preferiu a negação. A negação é muito mais cômoda. Muito menos perturbadora. A negação permite com muita facilidade eximir-se, não exercer a capacidade de

Falhas-CORRIGIDO.indd 29 25/01/2013 16:51:16

prevenção, por mais ínfima que seja, e evocar depois do fato o pretexto da impotência que paralisa. Mas essa propensão à negação não é somente haitiana. Em escala planetária, esquecemos o que a terra vivencia. Que ela tem certa idade, que ela atravessa ciclos. Perdemos a medida de nossa idade geológica. Perdemos a medida da espécie.

Exibimos essa mesma negação diante dos grandes déficits políticos, econômicos e sociais de nossa ilha. Com efeito, não prestamos atenção a esses fenômenos de superfície assim como tampouco nos preocupamos com os que ocorrem nas profundezas. Fingimos ignorá-los, embora constituam falhas mortíferas e sejam linhas estruturais tão assassinas quanto os sismos. No entanto, esses acontecimentos de superfície que tecem a trama política, econômica e social se desenrolam debaixo de nossas vistas, ao contrário dos fenômenos subterrâneos. Êxodo rural acelerado, pauperização, degradação da produção agrícola e do meio ambiente, desemprego endêmico. Sem falar das más notícias vindas de outros lugares, que a televisão e o rádio nos despejam todos os dias. Entre o Iraque, Darfur, a faixa de Gaza, o Congo, o Afeganistão, a Somália e a Chechênia, sem esquecer as crises financeiras, a guerra dos cartéis no norte do México, as catástrofes naturais e a poluição em grande escala, há realmente muita coisa para nos causar vertigem diante de um mundo que perdeu suas utopias motoras, seus antigos refúgios, que implode no interior de suas redes e parece avançar sem bússola.

Se a lentidão dos fenômenos subterrâneos nos obrigaram ao olvido, é paradoxalmente a velocidade dos que ocorrem na superfície o que nos força a esquivarmo-nos e nos conduz ao mesmo esquecimento. Como se estivéssemos quase compelidos a deixarmos de lado todas essas más notícias, a fim de evitar as acumulações, os embaraços, os excessos que nos impediriam de enfrentar as preocupações de um único dia de nossas vidas únicas. Assim, abandonamos a porfia, cerramos os olhos, simplesmente para continuar a viver nosso pequeno ciclo efêmero de seres vivos, desde o nascer do sol até o poente, do nascimento à morte sem estar constantemente diante de sombras. A negação cotidiana é o que faz levantarmo-nos cada manhã, levarmos nossos filhos à escola, passarmos oito horas entre as quatro paredes de um escritório e voltarmos para casa ao fim da tarde fingindo nada haver visto nem ouvido.

Se para alguns trata-se de uma negação para tentar simplesmente viver, para outros é um cinismo que consiste em não fechar os olhos e não se deixar embaraçar. Ver e conservar uma parte da própria alma exige um heroísmo do qual poucos são capazes, do qual somente são capazes aqueles que realmente suam a camisa. Ver e conservar uma parte da

Falhas-CORRIGIDO.indd 30 25/01/2013 16:51:16

própria alma exige um heroísmo do qual alguns são às vezes capazes. Por poucos minutos ou poucos segundos. Por dia. Às vezes. Nada mais.

No entanto, o 12 de janeiro revelou uma catástrofe lancinante tão devastadora quanto o terremoto: nosso balanço de estado-nação. Esse balanço, porém, é também o das relações entre os países do norte e os do sul. O Haiti, primeira república negra, foi isolado por todas as grandes potências escravagistas e/ou colonialistas. Foi punido durante longos decênios e obrigado a pagar uma dívida à França por haver ousado realizar o impensável para a época: a conquista da liberdade por um povo negro. A experiência haitiana é uma matriz. Ela prefigura desde o início do século dezenove a natureza e a fisionomia do que mais tarde se chamaria relações Norte-Sul.

"Os Estados Unidos, que inauguravam seu potencial comercial, resumem pela voz do presidente Jefferson as condições segundo as quais um Haiti independente não causaria prejuízos a nenhum desses impérios. Basta não permitir aos negros a posse de navios. Em uma palavra, o Haiti pode existir como uma grande aldeia de gente de cor, um *quilombo* ou um *palenque*. Não será aceito no concerto das nações".[7] Mas a experiência haitiana anuncia também em parte a dos países do Sul entre si.

O 12 de janeiro obrigou o mundo, pelo espaço de um parêntesis, ainda que breve, a sair da amnésia, a ser haitiano.

E depois?

[7] Prefácio de Jean Casimir *in* Laurent Dubois, *Les Vengeurs Du Nouveau Monde* (*Histoire de la Révolution Haïtienne*), Harvard University Press, 2004; Les Perséides, col. "Le Monde Atlantique"", Rennes, 2005; Éditions de l'Université de l'État d'Haïti, 2009.

Falhas-CORRIGIDO.indd 31 25/01/2013 16:51:16









O dia seguinte

Estamos *desounen*, em uma espécie de entorpecimento. Zumbis. Segundo a crença popular, tão pronto um zumbi prova sal, recupera as faculdades cognitivas. Ao despertar no dia 13 de janeiro, não tive muita vontade de experimentar. Não imediatamente. O entorpecimento me serve perfeitamente nesses minutos acolchoados, nesses minutos entre lua e sol. Salvo os choques secundários, imaginários ou reais, que vêm me trazer de volta à realidade. Tenho alucinações como a maioria das pessoas. Sinto os tremores que não aconteceram.

O primeiro pensamento que aflora é o de um sonho mau, um pesadelo, tanto mais porque despertamos sob um céu sem nuvens. Nesta estação do ano, nas horas matinais, o sol é suave, a luz é como um véu.

O segundo é que devo sair para ajudar, ver e saber. Saber o que aconteceu com amigos e parentes.

O terceiro é que preciso organizar a vida da casa. Vejo ao longe o espectro da falta d'água e de alimentos, as epidemias. Tudo o que li, vi ou ouvi sobre essas desgraças que asseguram uma longa vida às catástrofes desfila em minha cabeça. Meu lado saturnino regressa rapidamente. Penso no pior e por isso organizo a casa em função desse pior. Comida, água e eletricidade devem ser consumidas com moderação, com velas e lanternas de bolso ao alcance da mão.

Aliás, ainda não há eletricidade. O gerador continua a funcionar. Mas por quanto tempo poderá seguir se não houver mais óleo combustível? Essa pergunta faz parte das muitas que me faço acerca das comodidades

Falhas-CORRIGIDO.indd 33 25/01/2013 16:51:16

a que nos habituamos e das quais suspeito que será preciso aprender a abstermo-nos. As emissoras locais de rádio transmitem, alegremente: Sinal FM, Melodia FM. Ao ouvir a voz do jornalista de Melodia FM, digo: "Parabéns!". A mulher dele foi a primeira pessoa cuja morte me foi comunicada na véspera.

O centro de gravidade da casa se deslocou. Abandonamos toda a parte traseira, onde ficam os quartos, e nos contentamos com o corredor e a cozinha, que dão diretamente para fora. O tempo usado para as abluções matinais ou para estar sentados ao vaso sanitário nos parece agora tão perigoso que o encurtamos em uma angústia sem igual. Somos como ratos apanhados em uma armadilha: "E se enquanto...". Nossa imaginação dá saltos e nosso coração começa a bater mais forte. Em nossas cabeças desfilam as imagens de um filme em que nos vemos com os joelhos junto ao queixo, com água escorrendo pelo corpo, enrolados em uma simples toalha, no melhor dos casos, ou com as calças, ou a saia, nos tornozelos. Teremos de passar dias sem poder lavar-nos direito e nossos intestinos se encherão de toxinas.

Continua a ser impossível entrar em comunicação com o exterior. O comitê olímpico dominicano liga para meu irmão A. Anuncia que chegarão à fronteira nas primeiras horas da manhã seguinte. O presidente Leonel Fernandez chegou de helicóptero. Recordo mais vivamente que o gesto porque há pouco mais de um mês enviei a ele uma petição solicitando que os haitianos fossem mais bem tratados e que cessasse a torrente racista em certos jornais dominicanos. Sei que isso de nada servirá para impedi-lo e que todos os gestos dos políticos serão sempre políticos, mas estou disposta a observar. Quem não conhece a história das relações entre as duas ilhas não pode entender o que isso significa.

Resolvo fazer uma pausa para o café. A bebida está negra e adoçada no ponto exato, como eu gosto. Nada como o café para ajudar-me a recolocar as ideias no lugar. Tantas coisas já aconteceram em menos de dezesseis horas. Tomo o café debaixo de um abacateiro no jardim. O pica-pau bate loucamente no tronco da árvore. É sua atividade preferida, que ele somente abandonará o final da tarde. As pombinhas arrulham como de costume e diante de mim os hibiscus amarelos, vermelhos, alaranjados e cor-de-rosa já começaram a abrir a pétalas. Energia, apego à vida. Penso em certo trecho de *Hiroshima mon amour* que mais tarde buscarei:

> No segundo dia, diz a História, não é invenção minha, desde o segundo dia, espécies animais precisas ressurgiram das profundezas da terra e das cinzas. [...]
> ...no décimo quinto dia também.

Falhas-CORRIGIDO.indd 34 25/01/2013 16:51:16

> Hiroshima se cobriu de flores. Por toda parte havia violetas e palmas, volubilis e onze-horas que renasciam das cinzas com vigor extraordinário, desconhecido nas flores até aquele momento.[8]

Noah se aproxima. Desde que acordou procura contar a A., seu pai, e a P., o que aconteceu na véspera. Está firmemente convencido de que a origem de todas essas transformações na casa é o ronco do motor do gerador. Toma os dois homens pela mão para mostrar-lhes a biblioteca revirada, os livros pelo chão, a mesa que explodiu em pedaços, e acentua o relato com as palavras ouvidas anteriormente: "Meu Deus, não é possível". Dali em diante usará constantemente essa expressão.

[8] Marguerite Duras, *Hiroshima mon amour*, Gallimard, 1960.

Falhas-CORRIGIDO.indd 35 25/01/2013 16:51:17









Pétion-Ville, Canapé-Vert, Delmas e um sabor sofisticado

P. ainda está abalado pelo que viu ontem. A. saiu para ajudar amigos em situação difícil. Meti em uma caixa tudo o que tenho em minha modesta farmácia: analgésicos, algodão, esparadrapo, água oxigenada, etc... Pego na cozinha grandes garrafas de água. Não é lá muita coisa, mas assim faço.

Nas ruas, a impressão é ao mesmo tempo de filme em câmara lenta e de aceleração das imagens. Alguns contemplam seu pesadelo em uma ilha de solidão, de olhos intensos, sombrios, voltados para o interior, e outros apressam o passo. O mesmo para os que passam de automóvel. Há os que preferem manter a desgraça sob vigilância e os que a tomam velozmente. Não sei ainda a que categoria pertenço, mas sigo adiante em Pétion-Ville.

Sigo em frente ouvindo o rádio desfiar as más notícias: as mensagens em SMS de pessoas presas nos escombros. Percebem-se nas palavras a aflição, o pânico e o horror. Apelos para a ajuda de parentes. Apelos aos que ainda não voltaram para casa, mas que se espera que regressem. Trezentos estudantes presos sob os destroços da Universidade de Port-au-Prince. O mesmo na Faculdade de Linguística, na Escola Nacional de Enfermeiras. A prefeitura de Delmas desabou com todos os funcionários presentes, o Ministério das Relações Exteriores, a diretoria geral de impostos, e mais, e mais...

Paro diante de uma clínica popular não longe de casa. Vejo pela primeira vez cadáveres enfileirados, no chão. Foram cobertos com um

Falhas-CORRIGIDO.indd 37 25/01/2013 16:51:17

lençol. Algumas moscas já dançam acima deles. Caminho para um jovem médico haitiano que se esforça para controlar uma situação difícil. Estendo a caixa e as garrafas de água. Uma enfermeira as recebe. O jovem médico transportará. Agradece e volta-se para aqueles homens, aquelas mulheres e aquelas crianças que gemem. Alguns nem sequer têm energia para isso.

Sigo de carro para Canapé-Vert. A área nada tem de canapé, o relevo é um tanto montanhoso e há muito tempo já não é mais verde. Do lado esquerdo casas pequenas viraram pó, tanto as das faltas da montanha quanto as do vale ao lado da estrada. À direita, casinhas são literalmente separadas da montanha, como dentes arrancados. Paisagem saqueada, macerada. A miséria é ainda mais chocante quando se explora as entranhas. O sismo revirou-lhe as vísceras como para nos convencer, se ainda não estivéssemos convencidos. Nas calçadas, cadáveres, cadáveres e mais cadáveres que foram levados para lá.

Dos dois lados da estrada, caminham homens, mulheres e crianças. Levando uma mala, uma trouxa ou um colchão à cabeça, cubas de plástico, um fogareiro, alguns utensílios. Dois homens robustos carregam um velho derrotado e raquítico. São imagens já vistas na televisão, em revistas ou no cinema. É extraordinário o que se pode ler, ver e armazenar com as revistas, a TV ou o cinema. É extraordinária a semelhança das desgraças do mundo.

Não posso prever que forma tomará esse deslocamento da população, sem dúvida um êxodo em direção às províncias, mas não sei como será no espaço urbano. Somente tenho certeza de que essas mulheres e homens que caminham ao acaso pelas estradas possuem uma atitude, uma personalidade própria. Há dois séculos já não acreditam mais nem nos governos e nem nas promessas dos políticos, dos poderes econômicos, dos intelectuais, nem tampouco em mim ou em você. Nas vezes em que acreditaram, rapidamente se decepcionaram. A desconfiança hoje é endêmica, estrutural. E com razão. Faz dois séculos que resolveram avançar sozinhos pela História. Sem ninguém para tomar-lhes a mão e indicar um caminho. Faz dois séculos que se esquivam de todos os governos, de todos os homens políticos, de todos os poderes, mesmo antes que esses governos, poderes e homens os ignorem. Já tomaram a dianteira, o que lhes permite estar sempre um passo à frente deles.

Hoje, mais nenhum governo, mais nenhuma instância internacional, mais nenhuma ONG consegue alcançá-los. São refratários a qualquer tentativa. Sua atitude é muito mais do que uma postura, melhor do que uma estratégia; é um saber. A sofisticação dessa sabedoria nada tem a ver com o que se ensina em Harvard, na ENA, em Oxford, ou com as análises do FMI e do Banco Mundial. Nada tem a ver com a

Falhas-CORRIGIDO.indd 38 25/01/2013 16:51:17

grande revolução dos socialistas, guevaristas, maoístas ou trotsquistas. Porque esse saber não se baseia em qualquer expectativa nos poderes ou nos amanhãs que eles apregoam. Seu postulado inicial é precisamente o de que a esperança não é a única resposta.

Se a exclusão produziu os resultados que conhecemos, esse saber poderá representar hoje uma solução?

Não sei.

Falhas-CORRIGIDO.indd 39 25/01/2013 16:51:17









Más notícias, as boas também, e as visitas

Estamos isolados do exterior. Sem internet, sem comunicações telefônicas locais ou internacionais, sem aviões. Os americanos se instalaram no aeroporto, que ainda não funciona.

J. me informa que as tentativas para libertar Micha dos escombros ainda não deram resultado. No entanto, ela conseguiu mobilizar quatro bombeiros que prometeram ajudá-la no início da noite. Ainda não foi possível livrar a irmã de S. dos destroços de sua escola. Ambos, porém, se comunicam com os seus.

Alguém me pede para acolher em casa uma jovem. Vamos chamá-la de V. Chegou de uma cidade do interior. Percorreu trezentos quilômetros de automóvel a fim de procurar encontrar o corpo de seu companheiro sob os escombros do hotel Montana. O filho de oito anos e a filha de seis ficaram em sua casa. Ao chegar, ela sorri. Encontra forças para sorrir. Fazemos o mesmo. Ela espera encontrá-lo com vida? Não sei. Sorrirá todas as manhãs, antes de seguir desde às 7 horas para o hotel, e ao regressar, ao cair da noite. Durante quinze dias viverei uma espera de segunda mão, uma espera que somente posso medir por procuração. A espera de um homem que não conheço. Apesar de tudo, uma espera insuportável.

Amigos que chegam de Cité Soleil[9] vêm me visitar durante uma pausa para o café. Mantivemos contato depois que todos nós enfrentamos vários perigos em 2003 e 2004 diante da violência cega dos seguidores

[9] Cité Soleil: a maior favela da zona metropolitana.

Falhas-CORRIGIDO.indd 41 25/01/2013 16:51:17

do profeta-presidente, armados até os dentes. Mais uma história para escrever, mais clichês para derrotar. Vasto programa!

Muitos amigos darão um pulo à minha casa, e parentes também. Roody e Lélène, Luis-Philippe, Maxime que chegou de Léogane, cidade oitenta por cento arrasada. Ele me relata o resgate dos pais idosos com aquele humor muito seu e que me faz novamente saborear a ironia, a que vira a desgraça pelo avesso como uma luva. As palavras de Roody são as mesmas de seus editoriais. Têm a tranquilidade e a beleza dos lagos. Num país de ruídos e furor da mídia, meu Deus, Roody, como tuas palavras nos fazem bem! Com Louis-Philippe, recordamos os terremotos de l'Aquila. A mulher dele é originária da região. Ele me conta o negrume de outro pesadelo. Louis-Philippe não quer ainda regressar à França. Não quer deixar tão cedo o irmão, os amigos e o país de seu coração. Nós, operários das palavras, evocamos juntos o pouco peso das palavras diante do que nos aconteceu. Convém ser discreto.

Nesses momentos as conivências são agradáveis.

A casa está cheia, como um ovo. A. se esforçou como um demônio todos os dias para que não nos faltasse água nem alimentos essenciais. De toda parte nos chegam relatos de atos de solidariedade e de incrível ajuda mútua. Uma fraternidade que opera em necessidade de bode expiatório, de inimigo comum, motivada por simples humanidade. Breton falava do "inquebrável caroço da noite". Aqui há um caroço infinitesimal de luz. Mas é preciso haver luz para que se possam ver as sombras e vice-versa. Haiti, por excelência a terra do claro-escuro. Os haitianos foram os primeiros salvadores de si próprios, é preciso repeti-lo sempre. Quantas coisas não são ditas, e quantas não suficientemente! Essa ajuda mútua em que se confundem todas as categorias sociais e todas as cores. Uma epifania. Num país de tanta exclusão e *apartheid*. Aí está o trampolim. Porém, precisamente, ele espera.

Dezenas de vezes narramos uns aos outros o que estávamos fazendo às 16 horas e 53 minutos, no momento do terremoto. Para convencermo-nos de que o dedo de Deus nos poupou desta vez. Com as palavras, nos tocamos para nos confortarmos. Fazemos as refeições muito juntos, aglutinados uns contra os outros. Uma forma de nos sentirmos um pouco mais vivos. Esse calor tão próximo, ao alcance da mão, é um bálsamo. Nós nos amamos sem nada dizer. Ainda estupefatos pelo milagre de estarmos vivos. Nós nos amamos com muita força.

Exatamente às 19 horas, a poucos metros de minha casa, na praça Boyer, um pastor brada a um megafone que Jesus é a única solução, o único recurso. A multidão responde em coro que Jesus virá nos salvar. Repetirão seu cântico todas as tardes durante uma hora. Penso no pastor

Falhas-CORRIGIDO.indd 42 25/01/2013 16:51:17

Jeantilus de meu romance: *Do alto da cátedra como de uma montanha, ele sopra a plenos pulmões a palavra de Deus. É como um vento que penetra na profundeza de um bosque agitando as copas das árvores em ramos enlouquecidos. Olhos cerrados, alma aberta, ele ensaia a voz e o poder sobre esse vale humano. Enquanto fala, gritamos; "Amém!" e "Bendito seja teu nome, Senhor Jesus". Agitamos os braços à esquerda e à direita: "Aleluia! Aleluia!".*

J. volta desesperada. Quando os bombeiros já estavam prestes a libertar Micha, correu um boato de que um tsunami iria invadir a parte baixa da cidade, levando tudo consigo. Uma multidão imensa, com os olhos fora das órbitas, berrando seu medo, fugiu daquela zona da cidade criando tanto pânico que até mesmo os bombeiros abandonaram as buscas e puseram sebo nas canelas. Micha conseguiu falar com ela. A esperança de J. mantém-se em suas poucas palavras. Ele disse a ela que não sabia se seria capaz de aguentar ainda por muito tempo. Mas ela espera. Preparo um chá de limão. Bebemos em silêncio. Não sei o que dizer a ela. E ainda não olhei para o céu. Em meu peito esse nó que não se desfaz.

Mais uma noite passada nos carros. Dores no ombro esquerdo. Já começo a somatizar.

Falhas-CORRIGIDO.indd 43 25/01/2013 16:51:17

Falhas-CORRIGIDO.indd 44 25/01/2013 16:51:17

Alto de Turgeau, Delmas, Debussy e Pacot

Os dominicanos chegaram nas primeiras horas do dia. Distribuíram nada menos de setecentos e cinquenta mil refeições quentes, quinhentas mil cestas de alimentos e um milhão de litros de água antes da chegada maciça de ajuda externa. O aeroporto já está em operação. Alguns reclamam desonra e ocupação. Os americanos são os vizinhos mais poderosos, os dominicanos dividem a ilha conosco. Como esperar que náufragos como somos, quarenta e oito horas depois do desastre, possamos exigir desses primeiros salvadores que revelem sua identidade e que peçam perdão por seus erros passados antes que apertemos a mão que nos estendem? É realmente difícil. Porém, passado esse primeiro momento, a proximidade e o poderio servirão de álibis cômodos. Demasiado cômodos para outras intenções. Mas quando afinal definiremos as nossas?

A internet funciona, finalmente. Minha caixa desaba com as mensagens. Respondo a meu filho mais velho, a minha irmã. Respondo aos outros parentes e amigos. Sabine, minha editora, é das mais ansiosas. As mensagens são lacônicas, porém eloquentes em sua angústia. Tranquilizo a todos. Imenso alívio para os membros da família no Haiti. Finalmente, notícias. Graves prejuízos materiais para alguns, mas todos salvaram as vidas.

No caminho para Pacot, alto de Turgeau e Debussy, cruzo com Anderson Cooper, famoso jornalista da CNN. De camiseta negra, sentado na traseira de uma camionete. Expressão de estupor nos olhos, testa franzida. Quer ver e testemunhar como centenas de outros que desfilarão durante semanas a fio.

Falhas-CORRIGIDO.indd 45 25/01/2013 16:51:17

O alto de Turgeau está irreconhecível. O prédio que abriga o Centro nacional de informação geoespacial reduziu-se a um monte de escombros. Paradoxalmente, esse centro trabalhava em conjunto com sismólogos haitianos e estrangeiros e em breve deveria publicar mapas geológicos. Sob os destroços, Gina, que conheci nos anos 90, diretora do Centro, cientista brilhante que batalhou com a força de seus punhos para fazer dessa instituição o que ela é hoje. Penso em sua colaboradora, Yolaine, engenheira rigorosa, primeira mulher membro do conselho diretor da faculdade de Ciências. Todos os colegas morreram com elas. Penso em Nicole, jovem estudante que conheci na ENS, morta sob os escombros do ministério das Relações Exteriores, em Myriam e Anne-Marie. E em muitas outras. Muitas outras. Pior ainda: àquela hora, nas repartições da administração pública, somente estavam presentes os que formavam a espinha dorsal. Espinha dorsal de um corpo debilitado, agonizante, mas cujo alento parecia um milagre cotidiano. A falha nos ceifou alguns de nossos melhores quadros. Neste país onde já são cruelmente escassos. Meu Deus, como esse 12 de fevereiro nos fez mal! Isso não mais poderá ser dito o bastante. Ao contrário, muitos preferirão, sem qualquer nuance, exibir a incompetência e corrupção absolutas de toda a administração pública haitiana. Para mim, trata-se de uma injúria à memória de todos esses trabalhadores e trabalhadoras ocultos, como uma segunda morte. É algo que infelizmente conforta uma certa opinião política local, uma certa opinião política da diáspora, ajudando alguns dos que tomam decisões na esfera internacional, inclusive ONGs. Todos dedicados a reforçar a ideia de savana, de *palenque*, de *quilombo*. Ideias que se difundem há dois séculos e que parecem ainda ter um belo futuro à frente. Preocupo-me por A., ponta de lança da grande plataforma da sociedade civil dos anos 2002 a 2004. Nem sequer consigo chegar a sua casa, mais acima da minha.

A parte residencial está também completamente devastada. Famílias inteiras choram. O caminho que leva a Debussy é um campo de ruínas. Nem uma única casa resistiu ao choque. Nem uma. Um primo, C., médico, mora ainda mais alto. Curiosa e felizmente, os tremores foram menos fortes desde sua residência até os limites do bairro. A casa tornou-se imediatamente o único ponto de socorro da zona. Duzentos feridos se instalaram no pátio e sobre o pavimento fronteiro. Ele proporcionou auxílio com tudo o que tinha, ajudado pela mulher, pelas irmãs e vizinhos que haviam escapado do terremoto. No dia seguinte, bem cedo, cavaram uma fossa em um terreno baldio e enterraram dezenas de mortos. Contemplo esse lote vago com toda a força de meus olhos, como se pudesse ainda ouvir os murmúrios de sombras dessas vidas tão cedo ceifadas, como se esperasse que suas silhuetas subissem da terra.

Falhas-CORRIGIDO.indd 46 25/01/2013 16:51:17

Desço por Pacot. De propósito. Quero parar no lugar onde sempre imaginei que Nathalie e Guillaume se encontrariam pela primeira vez, nas páginas do caderno amarelo. A rua está irreconhecível. A tal ponto, que passo além do lugar onde ficava o edifício. Ao perceber, dou marcha a ré. No lugar do prédio, um vazio. Nada. O edifício tombou na barranca de trás. Nada. Nada mais. Paro o carro e me debruço para ver aquele monte de escombros, aquelas paredes arruinadas. Bem dentro de mim o nó se aperta, ao acreditar que meus personagens estão sepultados ali, sob os escombros, e que me é impossível tirá-los de lá. Faço perguntas aos transeuntes e vizinhos. "Todos os moradores estão mortos", respondem eles, com a mesma voz. Insisto uma segunda, uma terceira vez. Cada um conta sua experiência. As palavras me chegam como um refrão longínquo. Eu não os escuto mais. São as primeiras palavras do caderno amarelo que começam a existir vigorosamente. Repito várias vezes para não perder a fonte, para não me afastar dela. Para que a desgraça não saia vitoriosa.

Um casal atravessa os umbrais de um prédio em Pacot. Daquelas alturas pode-se ver Port-au-Prince sob as luzes do crepúsculo.

E percebo as palavras escritas em minha cabeça, mesmo sabendo que minha mão direita sobre o caderno amarelo, minhas duas mãos sobre o teclado, ainda não são capazes de acompanhar. Isso eu sei. Não tão cedo. Não tão depressa.

Repito para mim mesma:

Um casal atravessa os umbrais de um prédio em Pacot. Daquelas alturas pode-se ver Port-au-Prince sob as luzes do crepúsculo. As cores do poente fazem a cidade cintilar escondendo os sobressaltos, o tumulto, a miraculosa e ardente passagem dos séculos...

De longe contemplo a ilha de Gonâve pousada na planície de esmalte azul do mar.

Falhas-CORRIGIDO.indd 47 25/01/2013 16:51:17









Notas para um romance

Há muito tempo eu queria escrever essa história do encontro de um homem e uma mulher. Um desses encontros que reavivam o sabor do impossível. Um desses que trazem seu cortejo de surpresas, de paradoxos, de erotismo e de inconsequência. Nesta cidade onde, como em outras, uma certa ideia do amor foi construída pelos livros, pelas canções e pelo cinema. Mas onde os dados da desgraça universal são imediatos ou nos agarram somente um pouco mais rapidamente do que em outras.

Queria que ela o precedesse diante da porta daquele prédio, pois estavam indo para a casa dela e isso lhe conferia uma ligeira vantagem. Queria que sua atitude segura, mentirosa, fingida, o desconcertasse, ainda que ele seguisse em seu papel de macho.

Queria que a indecisão da narrativa prosseguisse com eles.

No dia 12 de janeiro Port-au-Prince dobrou os joelhos, desabou, e com ela o bairro de Pacot. A poeira dos escombros cobriu as silhuetas de Nathalie e Guillaume, e o ruído, de garganta aberta, engoliu seus passos.

Depois, silêncio.

Nada mais...

Realmente nada mais?

Não consigo decidir-me e tampouco sinto forças para ir mais longe.

Falhas-CORRIGIDO.indd 49 25/01/2013 16:51:17









Regresso à casa

Sigo pelo flanco do mercado de Pétion-Ville. As tangerinas, as frutas de conde, as mangas e as cenouras nunca me pareceram tão belas. Suas cores explodem sobre a poeira esbranquiçada dos escombros, sobre o cinza do asfalto. Em 2009, a produção agrícola aumentou em vinte e cinco por cento. Há muito não se via nada assim. A saída da desgraça de Port-au-Prince, a saída da desgraça da ilha, passa por esses homens e mulheres da terra. Por todas as iniciativas em curso, longe do furor e do barulho de Port-au-Prince, que engole tudo, devora tudo. Nossas linhas de falha são também nossas linhas de estrutura e portanto nossas pistas de esperança. Como reverter a desgraça onde ela nos dói mais?

Penso naquele tempo passado em Fondwa, nas montanhas entre Jacmel e Port-au-Prince, com um grupo de adolescentes que descobriam a vida dos camponeses pela primeira vez e que prepararam um documentário notável. Uma luz ilumina nosso estupor de há poucos minutos e ponho-me a sonhar com medidas que pudessem fixar na terra os homens e as mulheres que fugiram de Port-au-Prince depois do 12 de janeiro, e que dariam a nossa ilha esse rosto sem igual que lhe desenhamos em nossos sonhos.

Uma jovem atravessa a rua, com papelotes nos cabelos. Ainda tem vontade de fazer-se bonita e corre na embriaguez do dia, à frente de um desejo tão jovem quanto ela. E eu sorrio a essa luz que ainda se irradia, mais longe, de todos os lados. E sigo em meu carro, com essas imagens em contraste dentro da cabeça.

Falhas-CORRIGIDO.indd 51 25/01/2013 16:51:17

Porém, na entrada do beco sem saída, vejo J. de pé diante de sua casa e, ao olhá-la, sinto novamente uma fisgada. Pressinto que as coisas se complicaram para Micha. Reduzo a marcha. Não falo de minha família na cidade, que está salva. Isso seria inoportuno, impudico. Ela tem os olhos vermelhos de chorar e me informa, em um soluço contido, a morte de Micha. Foi retirado inerte dos escombros, com a perna direita esmagada. Sentindo aproximar-se a morte, ele havia pedido aos que tentavam salvá-lo que não prosseguissem e fossem ajudar outros que tivessem possibilidade de escapar. Ele apenas falou uma última vez com seus dois filhos, de vinte e um e dezenove anos, antes de partir, disse-me ela. Contenho as lágrimas e abraço-a. Em silêncio. Em casa, a sós em meu canto, eu choraria pela primeira vez por tudo o que vi até então. A cidade, os mortos, os feridos, os desaparecidos, as crianças, sempre as crianças, o sofrimento imenso e o futuro que não vejo.

No mesmo dia e nos seguintes eu saberia da morte de vários outros amigos, Alix, Walter, Pierre-Richard. Todos sepultados sumariamente como Micha, entre duas portas, envoltos em um pedaço de lona ou enrolados em um simples lençol, enterrados em um buraco cavado em seus jardins. Quanto a outros, seus corpos jamais seriam encontrados.

Penso nessa ausência, mais terrível que a morte. Na morte comum, o cadáver, prova palpável, transforma-se em peça de convicção. Irrefutável. E justamente por servir de prova, essa peça termina por convencer-nos a iniciar o duro trabalho do luto. Sem provas, duvidamos até da loucura. Esperamos até enlouquecermos. Sem provas, como convencer-se, senão por meio de ilusões? Construímos mil cenários com objetivos miraculosos, como vimos no cinema. Os cristãos recordam os milagres do Antigo e do Novo Testamento, Jesus caminhando sobre as águas, Jonas saindo do ventre da baleia e Lázaro regressando do túmulo. Os praticantes de vudu remetem a muito mais tarde a travessia das almas sob as águas, em direção à distante Guiné, implorando a piedade de *Agwe*, de *Legba*, de *Damballa* ou de *Simbi Andezo*. Porque é difícil fazer luto do nada. Como retomar o equilíbrio sobre um vazio, como agarrar-se para preparar a dura retomada? Racionalizamos a morte, bem ou mal, mas a racionalizamos. O que fazer, porém, com uma ausência?

Noah e Sarah vêm a meu encontro. As crianças se juntam todas na casa de Alex, neto de S. Fazem desenhos, cantam e brincam. Uma animação irreal no beco. Na contramão da desgraça geral. Noah segue os maiores, que de vez em quando o expulsam. Mas ele insiste e acaba por ocupar um lugar. Está convencido de que é a nova creche e todas as manhãs anunciará, segurando a bolsa: "*Bye bye, Noah vai para a escola*".

Falhas-CORRIGIDO.indd 52 25/01/2013 16:51:17

As mensagens continuam a afluir para minha caixa postal, como a de Sabine, que me transmite um pedido de artigo para *Libération* e um convite para o programa de televisão "A Grande Livraria". Respondo que não sei, quanto ao artigo. Peço que me conceda quarenta e oito horas. Para a "Grande Livraria", já sei. Já sei que não viajaria tão cedo. Nunca assisti à "Grande Livraria". Sem dúvida um programa bastante assistido na França, mas sei que meu lugar, neste exato momento, é onde estou (nesta casa, nesta cidade) e em nenhuma outra parte. Tenho também de pensar em declinar o convite da Universidade de Potsdam, na Alemanha, assim como o os organizadores do prêmio PACA, do qual sou uma das finalistas. Tanto pior, não participarei das provas finais que consistem em contatos com o público (alunos, leitores e até mesmo detentos da prisão de Aix-en-Provence).

Naquele dia comemos com moscas enormes, que chegam em enxames, em meio a uma grande nuvem de fumaça que arrasta em sua esteira um odor tenaz de carne queimada. Assim comeremos durante muitos dias.

Após a refeição, rabisco algumas notas sobre tudo o que vi nos dois dias passados. Nathalie e Guillaume continuam à espera.

Falhas-CORRIGIDO.indd 53 25/01/2013 16:51:17









Port-au-Prince

Nunca esquecerei o silêncio em Port-au-Prince naquele dia.

O silêncio de uma cidade pulverizada onde vagueiam alguns fantasmas. Paredes desmoronadas, casas comprimidas, exibem chagas esbranquiçadas, poeirentas. Telhados achatados a perder de vista. Às vezes vê-se uma porta, um espelho, uma poltrona, uma cama, um armário, absurdamente isolados em meio aos escombros. Tudo em volta cheira a terra e a morte. Tudo tem o odor primitivo dos pobres, dos que o são desde o começo do mundo.

Imaginem quatrocentas mil toneladas de TNT despejadas sobre um espaço geográfico onde se concentram trinta e cinco por cento de uma população de nove milhões de habitantes, isto é, três milhões de almas. Dez por cento desses três milhões desaparecem em menos de quarenta segundos. O número de feridos é de duzentos e cinquenta mil. O de deslocados, um milhão. Escrevo novamente: "Abandonada, despida, nua, Port-au-Prince no entanto não era obscena. Obsceno foi ser despida à força. O que foi obsceno, e continua a ser, é o escândalo de sua pobreza." Uma pobreza que tem suas causas e uma história no mundo tal como é.

Não longe da praça Geffrard o acesso a uma rua está impedido. Cadáveres na própria calçada. Acabaram de ser retirados dos escombros. Corpos com as bacias esmagadas, crânios estourados. Uma perna separada de um tronco jaz em uma poça de lama e de sangue. E naturalmente as moscas. Elas dançam sobre essa massa de carne como sobre o rosto e os cantos dos lábios desse rapaz que sabe que vai morrer. Sabe que é questão

Falhas-CORRIGIDO.indd 55 25/01/2013 16:51:17

de minutos ou segundos. De sua boca escorre um fio de líquido como clara de ovo. Os olhos já miram o além. Insustentável.

Tento seguir para o bairro popular de Fort National. Não conseguirei chegar até lá. As zonas de Saint-Michel, de Sylvia, de Corridor Basquiat foram atingidas em plena carne. A mesma imagem de dentes arrancados, de gengivas desfeitas, como nas margens do caminho para Canapé-Vert. Só que multiplicada. Deixo rapidamente o local.

Nunca esquecerei o silêncio em Port-au-Prince naquele dia.

A cidade lambe suas feridas como um velho cão doente e se pergunta como curá-las. A cidade pensa também. O que seus homens, suas mulheres, suas crianças, seus idosos viveram está além das palavras. Então, as palavras os mascaram. As palavras estão atrasadas em relação ao sofrimento. Não podem alcançá-lo. Mas seus olhos falam por eles. O horror deixou neles uma luz negra, cinzas, um olhar queimado, mesmo que alguns encontrem ainda forças para falar, força para sorrir, força para narrar fragmentos.

As pessoas entraram na cidade, esmiuçaram seu ventre, puseram-se resolutamente de pé. Sob a cinza dos olhares, a vida já se incuba. Homens, mulheres e crianças não se contentam por estarem vivos. Estão ferozmente vivos, como para encarar a desgraça. Talvez a desafiem em silêncio, para dizer-lhe que apesar de tudo, o sol raiou ontem sob seus olhos, e que hoje as crianças recomeçaram a rir.

Mas, mesmo assim, é estranho. Nem um grito, quero dizer um verdadeiro grito nosso, um *rèl* que arranha as entranhas para em seguida fazer jorrar toda a dor para fora e nos transformar nos rebeldes que somos. Não, nada de gritos. Nem mesmo uma só lágrima. Nem umas poucas. Porém, nossos mortos não partem jamais em meio ao silêncio. *Sem ruído. Sem atenção.* Jamais. Habituamos nossos mortos aos lamentos das carpideiras, aos risos, à agitação, ao rum e às histórias contadas nos velórios, aos percursos em ziguezague até os cemitérios para perdê-los no caminho, a fim de que eles não regressem por muito tempo para nos importunar sem motivo.

Que foi, então, o que aconteceu em minha cidade? Tenho vontade de ouvir berros. Tenho medo do efeito causado em nossas almas, em nossas cabeças, de tanto silêncio em torno de nossos mortos. Talvez, como diz P., que o excesso obrigue ao silêncio. Talvez essa morte coletiva, descomunal, apague e anestesie a morte individual. A dor singular fica tampada.

Subo novamente seguindo a rua Monseigneur Guilloux. Quero passar ao lado do maior hospital público. Ao aproximar-me da barreira da entrada, um rumor surdo. Diminuo o passo. Reconheço uma

Falhas-CORRIGIDO.indd 56 25/01/2013 16:51:17

enfermeira. No momento em que me preparo para falar com ela, ouço um grito arrancado das entranhas. Um grito de pavor. Trazido do fundo do ventre. A voz é juvenil. A enfermeira me diz: "Não posso ficar aqui, é uma menina de doze anos cujas pernas estão sendo amputadas no pátio, sem anestesia. Desde hoje de manhã ela chama pela mãe. Ainda não sabe que está morta."

Levo comigo aquele grito ímpar que ecoará em minha cabeça durante muitas noites. Em casa, contento-me em fazer uma lista dos acontecimentos. A emoção ainda está demasiado ardente, demasiadamente viva para ser escrita.

Adormecerei com os urros daquela criança na cabeça, pensando no dedo de Deus que escolhe. E que, no dia 12 de janeiro, novamente nos mostrou o rochedo de Sísifo. Ao pé da montanha. A dor nas costas me faz sofrer ainda mais.

Falhas-CORRIGIDO.indd 57 25/01/2013 16:51:17









Como escrever? O que escrever?

Como escrever quando estamos em luta com as sombras?

Como escrever sem que, ao término desse corpo a corpo com ela, a literatura não saia desfigurada?

Como deslocar os limites da desgraça?

Como interpelá-la do único lugar fora de seu alcance imediato, o da escrita?

Como não deixar à desgraça uma dupla vitória, a que esmaga corpo e alma e a que virá em seguida roubar nossa única defesa contra ela, nossa única resposta, a de nós, escritores?

Como evitar o encerramento interior não nos atendo a uma simples contabilidade macabra, não permanecendo no porto, forçando a aventura?

Como evitar o encerramento daqueles que nos trancam pelo lado de fora ao esperar de nós somente essa contabilidade macabra?

Como trazer as palavras a esse espaço paradoxal do jogo, onde elas dizem e não dizem?

Como dar à literatura sua parte e sua parte mais bela?

Diante da desgraça, como fazer literatura?

A literatura aponta o pesadelo em seus esconderijos mais longínquos e ao mesmo tempo indica a via de escape.

Nem um só dia em que estas perguntas não me atormentem. Outras também.

Falhas-CORRIGIDO.indd 59 25/01/2013 16:51:17









Artigo para *Libération*[10]

Termino o artigo para o jornal *Libération* com uma emoção ainda quente, violenta como o sangue, a emoção dos primeiros momentos seguintes ao 12 de janeiro. Os pensamentos jorraram como uma onda. À medida que surgiam, procurei dar-lhes uma ordem, primeiro para mim mesma. P. aparou certos transbordamentos. Tanto melhor.

"Haiti ou a saúde da desgraça"

Às 16 horas e 53 minutos, na terça-feira 12 de janeiro de 2010, o Haiti deslizou para o horror. O sismo durou um minuto e trinta segundos. De pé na moldura de uma porta, enquanto as paredes parecem querer desabar ao redor e o solo esquivar-se sob os pés, um minuto e trinta segundos é muito tempo, muito tempo. Nos segundos seguintes o clamor surdo de milhares de brados de pavor, de gritos de dor, subiu como de um único ventre das favelas dos arredores, dos prédios mais abastados em torno da praça, e veio me agarrar pela garganta até asfixiar-me. Depois, abri a porta da casa para o começo do horror. Ali mesmo, na extremidade de minha rua. Cadáveres espalhados pelo chão, rostos cobertos de pó, muros demolidos. Com a certeza de que mais além, na parte baixa da cidade, tudo seria estarrecedor. Levamos imediatamente ajuda às vítimas, mas não conseguíamos deixar de chorar.

[10] *Libération*, terça-feira 19 de janeiro de 2010.

Falhas-CORRIGIDO.indd 61 25/01/2013 16:51:17

E naquele crepúsculo tropical sempre tão disposto a deixar-se devorar pela noite, não pude evitar fazer esta pergunta que me tortura desde então: por que nós, haitianos? Ainda nós, sempre nós? Como se estivéssemos no mundo para medir os limites humanos, diante da pobreza, diante do sofrimento, e sustentarmo-nos por meio de uma extraordinária capacidade de resistir e transformar as provações em energia vital, em criatividade luminosa. Encontrei as primeiras respostas no fervor dos cânticos que não deixaram de elevar-se na noite. Como se aquelas vozes que subiam voltassem resolutamente as costas à desgraça, ao desespero. No dia seguinte percorri uma cidade caótica, juncada de cadáveres, alguns já cobertos por um lençol branco ou um simples pedaço de papelão, corpos de crianças, de jovens, empilhados em frente às escolas, com as moscas dançando em redor de vários outros, feridos, idosos desorientados, edifícios e casotas destruídos. Faltariam apenas as trombetas do Anjo do Apocalipse para anunciar o fim do mundo se a coragem, a solidariedade e a imensa paciência de todos não tivessem vindo nos fazer apegar-nos ao mais essencial. A esse princípio de humanidade, de solidariedade que jamais deveria faltar e que os pobres conhecem tão bem. A própria potência da vida. Desses seres vivos tão ferozmente vivos em uma cidade morta. Pacientes ao limite mais extremo. Os poucos inevitáveis saqueadores sistematicamente anunciados pela imprensa internacional não têm relevância diante de tanta vida e dignidade recuperadas.

Aprendi a lição pensando em um trecho de Camus enviado por um amigo escritor: "Agora temos familiaridade com o pior. Isso nos ajuda a lutar ainda." Essa obstinação não me parece resultado de alguma fatalidade (deixemos isso para os que ainda desejam, por preguiça ou esbulho, evocar o clichê de um Haiti maldito) e sim de uma série de acasos que nos impeliu ao cerne de todos os desafios do mundo moderno. Para novas lições de humanidade. Sempre, e sempre...

Acaso geológico que nos fixou sobre a falha dantesca dos sismos, acaso geográfico que nos colocou no caminho dos ciclones, intimando-nos e intimando o mundo a repensar em cada uma dessas catástrofes, causas profundas da pobreza. Acaso histórico que nos levou a realizar o impensável no início do século XIX, uma revolução para escapar ao jugo da escravidão e do sistema colonial. Nossa revolução veio mostrar às duas outras que a precederam, a americana e a francesa, suas contradições e seus limites, que são os dessa modernidade cujos contornos elas traçaram, a dificuldade em humanizar o Negro e a fazer de suas terras territórios para todos. Ao abuso do sistema que nos oprimia respondemos com o abuso de uma revolução. A fim de existir. Existir, entre outros, ao preço de uma dívida a pagar à França, ao preço de uma exclusão das nações.

Falhas-CORRIGIDO.indd 62 25/01/2013 16:51:17

Isso não nos subtraiu ao dever de solidariedade ativa para com todos aqueles que, como Bolívar na América Latina e alhures, no início daquele século XIX, lutavam por sua liberdade. E como franqueamos a terra do Haiti a todos esses, temos um corpo de vantagem nesse saber. Saber que se revela de ardente atualidade neste momento em que, por meio da catástrofe que se abate sobre o Haiti, deveria representar a recíproca, e porque não a redefinição ou mesmo a refundação dos princípios de solidariedade em escala mundial.

A revolução americana e a revolução francesa, ao contrário da nossa, souberam fazer progredir a questão da cidadania. Nós não soubemos utilizar a constância e a medida exigidas pela construção da cidadania que teria colocado os homens e mulheres desta terra ao abrigo de condições de vida infra-humanas. Porque o abuso tem seus limites, assim como a glorificação estéril do passado como refúgio. Lembremo-nos de Cesário, que mandou dizer à esposa do rei Cristophe, na tragédia homônima, para zelar a fim de não julgar a desgraça dos filhos pelos excessos do pai.

Apesar desses limites, apesar de sua pobreza, de suas vicissitudes políticas, de sua exiguidade, o Haiti não é uma periferia. Sua história fez dele um centro. Sempre o vivi como tal. Como uma metáfora de todos os desafios que a humanidade deve enfrentar hoje e para os quais a modernidade não cumpriu suas promessas. Sua história faz com que o Haiti dialogue em pé de igualdade com o resto do mundo. Faz com que ela obrigue ainda por causa dessa catástrofe a colocar as questões essenciais das relações Norte-Sul, as questões também fundamentais das relações Norte-Sul, e a não evitar as questões e urgências de fundo. Que ela conclame também, mais do que nunca, suas elites dirigentes a modificar radicalmente esse paradigma de governança. Todos os símbolos já débeis do Estado desmoronaram, a população está em situação de desespero e a cidade devastada. Dessa *tabula rasa* deveria brotar um Estado finalmente reconciliado (ainda que parcialmente) com sua população.

Mas o Haiti fornece outra medida essencial do mundo, a da criatividade. Porque nós também forjamos nossa resistência ao pior na constante metamorfose da dor em criatividade luminosa. No que René Char chamou "saúde da desgraça". Não tenho nenhuma dúvida de que nós, escritores, continuaremos a dar ao mundo um sabor especial.

Falhas-CORRIGIDO.indd 63 25/01/2013 16:51:17









Passagem no coração do estupor

E uma passagem se abre no coração do estupor. Em minha cabeça uma calma estranha, as palavras iluminando como fogueiras na noite. Eu as sigo. É preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar o ato de escrever. Nesses momentos mais do que nunca. É preciso ser mais forte do que o escrito. Tento sê-lo. Um pouco. Retirarei Nathalie e Guillaume dos escombros. Com precaução e uma atenção aguçada.

Um casal atravessa os umbrais de um prédio em Pacot. Daquelas alturas pode-se ver Port-au-Prince sob as luzes do crepúsculo. As cores do poente fazem a cidade cintilar escondendo os sobressaltos, o tumulto, a miraculosa e ardente passagem dos séculos. É a hora em que se assiste ao aumento do silêncio que corta a grande algazarra dos dias passados e retornados. Um silêncio como um véu suspenso entre a terra e o céu.

Na baía, as palmeiras agitam os braços e apelos preguiçosos. Dirigidos aos pescadores ao longe, presos na vertigem do horizonte e do mar. A noite sob os trópicos, sempre tão ávida de engolir o dia, cairá com uma pressa que deixará igualmente um tanto assustados as mulheres, os homens, o céu, a terra e as águas. E nosso casal também.

Alguma coisa na maneira de avançarem para a porta de entrada do prédio indica que se ainda não são amantes, estão prestes a tornar-se. A iminência de tal acontecimento parece inevitável. Visivelmente o homem reduz o passo para ficar ao lado dessa mulher cuja silhueta permite adivinhar que acaba de passar dos quarenta anos. Os sapatos de solas grossas, o jeans *e a camiseta fazem imaginar*

Falhas-CORRIGIDO.indd 65 25/01/2013 16:51:17

que seja uma mulher da terra. Isso não a impede de iniciar os passos de uma dança alegre. Mesmo a custo, ela é leve. Tanto mais leve quanto deseja dissimular um tremor interior, uma crispação.

Ele não cuidou especialmente do vestuário. Nunca deu atenção particular à aparência e não fez do cuidado com as roupas uma necessidade. E na aurora dos cinquenta, não se modificará. Não é mais necessário. Já passou por suas provas. Na profissão e em relação às mulheres. Mas naquela tarde ele finge uma calma que não é verdadeira. É um enganador um tanto embaraçado.

Falhas-CORRIGIDO.indd 66 25/01/2013 16:51:17

Os acampamentos ou o fim de um sistema?

Os campos se constituem verdadeiramente. Ao ouvir essa palavra, imaginam-se os acampamentos de palestinos ou dos refugiados de Darfur. Mas eu sei que o que se forma aqui é simultaneamente a mesma coisa e outra coisa. Trata-se novamente de colocar em um espaço os que possuem e os que não possuem. Os que não possuem estavam mais ou menos ocultos, seja atrás das casas dos que possuem ou nas favelas que cercam os bairros destes últimos. Hoje em dia, uma grande parte dos que não possuem estão diante das casas dos que possuem ou nos últimos lugares públicos da cidade e seus subúrbios.

Os antropólogos e sociólogos os designaram respectivamente por meio dos vocábulos "bossales" e "créoles", os que não possuem e os que possuem. O *créole* é mulato (fruto da união com um colono branco ou com um estrangeiro de raça branca durante o século XIX ou XX) mas pode também ter pele negra (descendente de escravo alforriado no tempo da colônia ou de negros que adquiriram fortuna e/ou educação ocidental ao longo dos anos). O *bossale* é negro (com exceção de certos bolsões no meio rural de ínfimos resíduos de antiga mestiçagem, com descendentes de índios caraíbas ou de brancos descendentes de poloneses que se juntaram à causa dos insurgentes negros no momento da guerra de independência). Um sociólogo haitiano, Jean Casimir, estabeleceu essa dicotomia fundamental em sua obra *La culture opprimée*.[11] Essa hipótese

[11] Jean Casimir, *La culture opprimée*, Imprimerie Lakay, Delmas, Haïti, 2001; depois de uma primeira edição em espanhol, *La cultura oprimida*, Editorial Nueva Imagen, México, 1980.

Falhas-CORRIGIDO.indd 67 25/01/2013 16:51:17

foi retomada e desenvolvida de maneira pertinente pelo antropólogo francês Gérard Barthélémy:

> *Assistiu-se, ao que parece, nos primeiros anos da independência, a uma cisão da sociedade haitiana em duas partes, tendo como ponto de clivagem a posição em relação ao tipo de desenvolvimento a ser adotado, ao tipo de evolução a ser seguido [...]*
>
> *Devido ao resgate de uma parte do instrumento de produção que havia feito deste território a colônia mais rica do mundo, é normal que o verdadeiro conflito se desse, então, em torno de sua propriedade. Quem ficaria com a herança colonial?*
>
> *Essa situação provocou um duplo deslizamento:*
>
> *- o instrumento de produção dos brancos foi monopolizado pela categoria que melhor conhecia seu manejo e do qual, bem antes de 1789, era já em parte proprietário: os* créoles.
>
> *- os* bossales (*chamados africanos*), *excluídos da partilha dos despojos e pretendendo permanecer assim, vieram a ocupar o espaço cultural e social deixado vazio pela promoção dos* créoles *à categoria principal.*
>
> *Enquanto os primeiros retomavam dos brancos, juntamente com as fazendas, a herança de sua língua, de sua cultura de sua religião e de sua organização, aqueles últimos encontraram no terreno assim abandonado:*
>
> *- um meio: o campesinato e as hortas;*
>
> *- uma religião: o vudu;*
>
> *- uma língua: o dialeto* créole;
>
> *- uma estrutura familiar, o* lakou *e a* plaçage,
>
> *Em uma palavra, toda a herança* créole, *que na impossibilidade de regressar à África, era preciso assumir imediatamente em uma preocupação elementar de coerência, por um lado a fim de escapar da incrível desordem da mistura artificial das etnias, das raças e culturas africanas, e por outro lado a fim de sobreviver no espaço marginal tornado disponível fora das fazendas.*[12]

Não conheço falha histórica e social maior do que essa no Haiti. É ela a responsável pela exclusão há dois séculos. Ela nos atravessa a todos, *bossales* e *créoles*. Ela estrutura nossa forma de estar no mundo. Ela molda nosso imaginário, organiza nossos fantasmas de cor de pele, de classe. Bloqueia nossa sociedade em dois modelos incomunicáveis:

[12] Gérard Barthélémy, *L'Univers rural haïtien*, (*Le pays en dehors*), Éditions Henri Deschamps, Port-au-Prince, 1989; L'Harmattan, Paris, 1990, para a edição francesa da presente citação.

Falhas-CORRIGIDO.indd 68 25/01/2013 16:51:18

senhores e escravos. Nutre nossas frustrações. Alimenta nossas ilusões. Ela nos esmaga também, silenciosamente. Uma vez dito isso, o essencial foi dito, mas está longe de haver-se dito tudo. Era preciso inicialmente estabelecer nuances quanto ao caráter monolítico de cada um dos dois grupos, e também levar em conta as evidentes mutações recentes. Enfim, as simplificações baseadas unicamente em categorias raciais, de cor ou sociais, fracassam muitas vezes em perceber a globalidade e a total coerência dos comportamentos individuais ou coletivos. São principalmente perigosas quando servem de atalhos fáceis para os clichês ou estereótipos ideológicos.

Mesmo assim, avancemos. Nossa forma de ocupação do espaço urbano, organizado de maneira inédita pela presença dos acampamentos desde 12 de janeiro, não é estranho a essa dicotomia *bossales/créoles*. É de fato um verdadeiro jogo de fuga e perseguição de que participam desde cerca de meio século os que possuem e os que não possuem, quanto ao modo de ocupação do espaço. Os que possuem se instalaram nas alturas de Pacot, de Debussy, de Pétion-Ville, porém com o êxodo rural acelerado acabaram por ser alcançados e cercados pelos que não possuem. Então, os que possuem subiram ainda mais alto ou para enclaves que imaginaram ser inacessíveis, antes de novamente serem alcançados pelos que não possuem. Estes mais uma vez os cercaram em silêncio. Portanto, os que possuem continuaram a subir e fugir para pontos mais elevados em direção a Laboule, Thomassin e até mesmo Kenscoff. Nesse ritmo, tanto os que possuem quanto os que não possuem correm o risco de chegar à República Dominicana, pois o território não é infinitamente extensível. A menos quê? A menos que, finalmente, resolvamos todos vivermos juntos neste território com reconhecimento mútuo. Com uma decência comum. A carência absoluta é uma indecência em si mesma, e a posse, em tal contexto, acaba por ser também indecente. Somos uma nação no sentido cidadão de uma partilha de referências e valores comuns? Certamente não.

Os acampamentos tornarão caduco o jogo de fuga e perseguição? Tornarão suicidas a cegueira e a desconfiança? Também quanto a isso, não sei. De qualquer forma, o sistema em seu conjunto está ultrapassado. Os privilégios ficam feios a longo prazo, mas a miséria não pode ser bela. Nesse caso, como viver à altura do ser humano? Camus o indicou à sua maneira: "O homem não é apenas escravo contra senhor, mas também homem contra o mundo do senhor e escravo".[13]

Chegar a meu beco vai se tornando cada vez mais difícil. Devido à subida de muitas atividades comerciais na direção de Pétion-Ville. Por causa de uma superpopulação acelerada. Por causa do aumento do número de automóveis. Por causa da multiplicação de ONGs.

[13] Albert Camus, *L'Homme révolté*, Gallimard, Paris, 1951.

Falhas-CORRIGIDO.indd 69 25/01/2013 16:51:18









Os amigos das manhãs de sábado

Ontem tentei dormir em meu quarto, mas não consegui. A ravina atrás do muro da retaguarda está muito mais calma do que de costume. Ouve-se apenas o ruído das pás em um canteiro de obras, ao lado de um montículo. Alguém prossegue tranquilamente a construção da casa iniciada antes do sismo. Ao diabo as medidas de segurança!

Examinei com o olhar todos os livros em minha mesinha de cabeceira. Um deles, *Allah n'est pas obligé*, me foi emprestado alguns dias antes por um amigo tunisiano morto sob os escombros do prédio da Minustah. Seu cartão de visitas está entre duas páginas. Leio-o duas, três vezes. Tudo aconteceu tão depressa que é preciso a cada vez convencer-se de que realmente tudo aconteceu. Há *Effondrement*, de Jared Diamond, entregue por meu amigo L. três dias antes do terremoto. O subtítulo do livro diz tudo sobre Diamond: *Comment les sociétés décident de leur disparition ou de leur survie.* Evidentemente, trata-se do Haiti. Sem esquecer a compilação de ensaios de Camus cujo centenário de nascimento está sendo comemorado e que eu folheava de vez em quando. Além disso, alguns textos fetiche, sempre ao alcance da mão.

V. saiu a fim de continuar as buscas do corpo de seu cônjuge. Ainda nada, após quatro dias. Ao regressar, à noite, ela me fala mais do sofrimento de outros, vindos como ela à procura de um cadáver. Deixa-se levar a algumas confidências. Tomamos chá como todas as tardes sob um céu exibicionista que desaba sob as estrelas. Ouvimos uma à outra em meio a silêncios enquanto a nosso redor as crianças se demoram em suas últimas brincadeiras.

Falhas-CORRIGIDO.indd 71 25/01/2013 16:51:18

Perdi a noção da passagem dos dias. Somente quando chega S. é que percebo que já é sábado. S. é um dos que vem todos os sábados pela manhã. É um ritual de transmissão. Devido à diferença de idade, eu faço parte daqueles e daquelas que recebem lições de vida. S. é um dos raros homens que se dedicaram à política e deixaram uma imagem digna. Tem a cabeça erguida, o coração de pé, possui coluna vertebral. Conservamos uma tradição da palavra, a *lodyans*, que remonta ao passado distante e que ainda se pratica em algumas cidades do interior e nas galerias de Port-au-Prince. J., que é sociólogo, não fará parte do grupo naquele dia. Foi dar um curso na universidade Duke, nos Estados Unidos. Transmite alhures. Teríamos muita coisa a dizer-nos naquele sábado. J. nos faz muita falta. J., S., P. e eu não estamos sempre de acordo sobre todas essas questões. Dividimo-nos entre otimistas e pessimistas. P. esconde sob seu pessimismo, entre outras coisas, uma capacidade inaudita a transcender. Na selva ambiente, é raríssimo e precioso. Eu faço parte dos pessimistas, e assumo. Esses desacordos constituem precisamente o sal e o mel de nosso ritual.

Passamos em revista todos os acontecimentos. Sob um céu incessantemente cortado pelo zumbido de helicópteros e aviões. As moscas se juntam a nós, a nuvem mal-cheirosa também. Damos voltas sem cessar em torno da mesma pergunta: o que é que, aqui, gera o impolítico?

S. evoca a diferença entre as imagens da TV e as que aparecem diante de nós. A televisão amplifica ou reduz. Há acontecimentos que inferiorizam ou que redimem. A solidariedade melhorou muito entre nós. Durante o tempo de uma epifania, mas mesmo assim nos redimiu. Falamos da ajuda dos médicos cubanos já presentes e da dos dominicanos, mas das quais a imprensa estrangeira pouco ou nada menciona. Que advirá desses laços entre vizinhos? É uma interrogação lancinante para mim. Uma obsessão.

P. sublinha longamente essa dor tão imensa que impede o sofrimento. Os acampamentos improvisados se instalarão em uma permanência que é a do sofrimento daqueles que não possuem desde o começo do mundo, nós o sabemos. Aliás, nesta ilha, tudo o que é provisório é chamado a tornar-se permanente. É uma lei de nosso meio. Esses deslocamentos para longe de Port-au-Prince acabarão finalmente por salvar Port-au-Prince e toda a ilha? Duvidamos.

Evocamos a presença dos americanos, que pretendem evitar um caos que não ocorrerá da forma que eles terão imaginado. Sua presença dissuade uma impostura, mas é assim.

Salientamos a discriminação suscitada pela presença dos americanos, os quais, sem nuances, dão frequentemente prioridade a *people* norte-americanos vindos em jatos privados, em vez de comboios

Falhas-CORRIGIDO.indd 72 25/01/2013 16:51:18

humanitários não americanos. Evocamos o fato de que muitos desses arroubos de solidariedade ocorrerão com a maior espontaneidade e também na maior desordem. O Haiti é uma terra onde o estado selvagem se organiza de boa-fé ou por razões erradas. P., S. e eu sabemos que a ajuda não nos salvará. Sua lógica é viciada. Acaba por perverter os que dão e os que recebem. Aliás, já começa em fumaça. Os aviões e helicópteros que cortam o céu acima de nossas cabeças já estão levando boa parte dos recursos. As primeiras ONGs, apesar dos imensos serviços prestados, nos desresponsabilizam. Fala-se em uma soma de dois bilhões de dólares em ajuda por ano, durante cinco anos. É bem pouco. Projetam-se reuniões. No entanto, sabemos que a ajuda prometida não virá. Por motivos locais, mas também porque a comunidade internacional sempre teve relações ambíguas com o Haiti. É uma música que já conhecemos. Conhecemos seus versos e seus estribilhos.

Perguntamo-nos que vantagem podem representar esses vinte e sete mil quilômetros quadrados e esses nove milhões que somos para que tal disputa se prepare sobre cadáveres ainda mornos. Debatemos longamente sobre isso e classificamos os amigos do Haiti em diversos grupos. Há os americanos, visivelmente desejosos de retomar o controle sobre certo número de temas-chave; há uma América Latina, com a Venezuela e Cuba, e outra com o Brasil, que joga sua entrada no Conselho de segurança e seu poderio na região. Há o Caribe. Há a União Europeia, distante. Há a República Dominicana, que gostaria de trabalhar com Cuba e em outro quadro com os Estados Unidos e a Europa. Há a França, com a qual desde nossa independência sempre tivemos relações tumultuosas, que seria útil esclarecer. Há a grande China, ainda mais longe, que aspira a um voto suplementar nas Nações Unidas e um pé na bacia caribenha. Há a outra China, que pretende o mesmo voto e o mesmo pé. Isso basta para provocar vertigem.

Acompanho de perto, via internet, o que sai na imprensa internacional e o que se diz na imprensa local. A internacional informa e graças a ela milhares de associações, aldeias, artistas, indivíduos jovens, menos jovens, velhos, e de todas as regiões do mundo se sensibilizaram pela causa haitiana e lançaram dezenas e dezenas de iniciativas. Essa ternura do mundo nos emocionou e nos reconciliou com uma certa ideia da humanidade. Mas uma certa imprensa veiculou tantos clichês! A começar por algumas cenas de pilhagens. Essa imprensa, que depende da velocidade, não suporta as nuances e as suprime. Tem avidez pelas imagens que nutrem o voyeurismo, consolam o racismo ou a ideia da maldição divina, o que acaba sendo mais ou menos o mesmo. E também há os jornais que esperam uma grande noite que deverá forçosamente

Falhas-CORRIGIDO.indd 73 25/01/2013 16:51:18

ocorrer no Haiti mas não em suas próprias terras, como é o caso de John em meu último romance, cujo *sonho morreu lá longe, em sua terra, nas ruas de Seattle ou Nova York, no cano de uma metralhadora ou algumas nuvens de gás lacrimogêneo [e que] quer ressuscitá-lo aqui a qualquer preço. Mesmo à custa da negação de si próprio, mesmo à custa de nossas vidas sacrificadas. Ele torce e retorce os acontecimentos para maquiar seus despachos e povoar o falso paraíso que inventou em sua cabeça. Aqui, de qualquer maneira, John nada arrisca, John nada perde, John não está em sua terra.*

A imprensa local faz o que pode para retransmitir informações sobre os bairros, sobre as operações de salvamento. E consegue fazê-lo admiravelmente. Mas já pelas ondas radiofônicas se atiram os políticos. Alguns tomaram estações de rádio como reféns e se esmeram em discursos, vituperações e arengas enquanto que o poder político permanece quase mudo. Tenores das forças econômicas tentam dizer alguma coisa que se intitula novidade mas que chafurda ainda na opacidade, enquanto que os oportunistas não precisam falar. Os contratos falam por eles. Basta isso quanto a certas palavras ou ao mutismo. A maioria silenciosa, por sua vez, continua silenciosa. A maioria daqueles que realmente suarão a camisa permanece longe dos microfones e longe das páginas dos jornais. Evidentemente, mutismo e silêncio não têm o mesmo conteúdo. Felizmente. Estamos presos da armadilha entre um demasiado, um muito pouco e um nada. Quando virá a palavra que fornecerá a medida dessa desgraça e a de nosso futuro?

Os pessimistas têm uma clara vantagem, naquele sábado. Mas eu sou uma pessimista ativa. P. e S. me recordam: "Faz o que sabes fazer. Fazer o que não se sabe é contraproducente." "Acima de tudo, escreve", diz-me P. "Não pares. Não pares nunca". Portanto, continuei.

Falhas-CORRIGIDO.indd 74 25/01/2013 16:51:18

Nathalie e Guillaume

Dessa cidade, Nathalie amava o coração, rodeado pelas estátuas dos pais da pátria, e muitas vezes, em sua cabeça, ela reproduzia seus arredores fraturados, arruinados, destruídos pelas inconsequências dos filhos. Esse pensamento a atravessou mais uma vez apesar da obstinação muda dos olhos de Guillaume pousados nela. Anteriormente ela havia procurado ocultar seu embaraço cada vez que ele o olhava. Mas naquela tarde ele não cessara de fazê-lo enquanto atravessavam a cidade de carro. Guillaume contemplava na verdade, com júbilo secreto, o crescimento em Nathalie de uma alegria à qual ele não era estranho.

Diversas vezes Nathalie havia passado a mão por seus cabelos cortados rente. A que exatamente aquela mão fazia barreira? Às malhas que cada olhar de Guillaume tecia ao redor dela ou àquele fervor que subia de seu ventre até a garganta? Ela se sentia bastante brincalhona, cativa, culpada, e empregava mil artifícios para não se afastar de um natural que, no entanto, a havia abandonado há muito. Evidentemente seus arredores não estavam bem vigiados.

Decididamente aquele homem a perturbava mais do que deveria. Desde que ele a observara expondo os planos para a reforma do centro polivalente que deveria ser um modelo do gênero no meio rural. As perguntas de Guillaume a haviam irritado e por elas Nathalie concluiu que ele era um desses sociólogos que desejam ser mais camponeses que os camponeses ou mais proletários que os proletários. Ele a havia imediatamente classificado naquela categoria que conhecia bem, a das boêmias cuidadosamente mal vestidas com convicções mundanas. Algumas sessões de trabalho, incursões no interior e uma tarde em casa de um colega tinham dissipado muitas nuvens sombrias que ameaçavam no horizonte.

Falhas-CORRIGIDO.indd 75 25/01/2013 16:51:18

Além disso, era preciso não contar com aquelas emoções que lhes enchiam a mente no momento em que ambos acreditavam dominá-las completamente.

Nathalie havia retomado um pouco a vantagem ao rir gostosamente da observação de um cronista no rádio. Ainda que forçado, esse riso mesmo assim mais uma vez prendeu Guillaume, que ainda procurava dar nome àquela coisa distante que tomava conta de seu coração quando ela falava. Em vez de disfarçar com palavras sábias o instinto que o impelia a dizer claramente àquela mulher: "Tenho vontade de agarrar seu riso com minha boca", ele preferiu o silêncio.

Falhas-CORRIGIDO.indd 76 25/01/2013 16:51:18

V. encontrou o celular de seu cônjuge, as crianças partem. Lissa, Fabienne e Alix chegam. Não viajarei

R. me ligou ontem à noite. Estava exausta ao fim de um longo dia. R. conduziu muitas sessões de psicoterapia depois do terremoto. É um fenômeno novo. Em períodos negativos, em geral as pessoas se voltam para sua comunidade, família ou amigos, mesmo quando podem pagar os serviços de um psicólogo. Ou então se calam. Sobretudo, teimam que se trata de um recurso para mulheres ou para brancos. O 12 de janeiro destruiu em parte essa barreira. Mas como fazer com que os incapazes de pagar aproveitassem esses serviços? Quem, na verdade, se ocupa da construção das pessoas? Certas histórias que R. me relata são terríveis. Recordo a de um homem salvo quatro dias depois do sismo. A partir do segundo dia ele ouvia os ratos que devoravam sua colega, morta a alguns metros. Tratou então de condicionar-se para não adormecer. Sobreviveu bebendo a própria urina. Quando chegaram, os salvadores estrangeiros bateram acima da cabeça dele gritando o nome da chefe. O homem teve presença de espírito para responder que estava perto dele. Compreendera que essa mentira poderia salvá-lo. Se não tivesse mentido, esta hora estaria morto, roído também pelos ratos.

V. voltou e me informa haver encontrado o celular de seu cônjuge. Retira-o do bolso e mostra. "Consegui identificar a mão graças à camisa que ele vestia. A mão já se encontrava em estado avançado de decomposição. Reconheci também o celular", diz ela. Explica que o corpo estava de tal maneira oculto sob a laje de concreto que ela não conseguia ver o rosto do marido, mas apenas o alto do crânio. Somente o braço e a mão que

Falhas-CORRIGIDO.indd 77 25/01/2013 16:51:18

segurava o telefone estavam ao ar livre. "Evidentemente reconheci a mão e o telefone".

Quanto a mim, estou de pé e nada digo porque nada há a dizer. Ela fala com os filhos e informa haver recuperado o telefone celular do pai. As crianças a esperavam e querem ver o pai pela última vez, mesmo morto. Insistem. Jantamos como todas as noites, mas antes de ir dormir, ela me pede para procurar-lhe um psicólogo. Quer colocar as ideias no lugar e sobretudo saber o que dizer aos filhos. R. não pode recebê-la no dia seguinte. Está muito atarefado depois do terremoto. Eu a encaminho para outra amiga.

Noah e as irmãs viajarão como muitas crianças e pessoas que podem fazê-lo. Que podem e querem. Sairão na noite de 21 de janeiro, às 3 horas da manhã, a bordo de um desses aviões fretados pelo exército americano.

Eu, porém, não viajarei. Não quero. Disse isso a Sabine, que compreendeu sem que eu precisasse desmanchar-me em explicações. Sobretudo sem que precisasse justificar-me. Penso, no entanto, em redigir algumas palavras aos organizadores do prêmio PACA cujos e-mails muito atenciosos me emocionaram. Sabine viajou à região e leu minha carta aos diversos membros do júri: "Não estou com vocês hoje. Lamento muito. Mas poderão compreender que o tremor de terra de 12 de janeiro me retém em meu país junto aos meus." Desde a quarta-feira 13 de janeiro de 2010 comecei a manter uma crônica com uma simples contabilidade dos fatos e uma descrição que desejava fosse a mais exata possível dos danos. E, naturalmente, também da aflição. A mais distante, de desconhecidos com quem cruzava nas ruas, nos abrigos, nos centros hospitalares, e a mais próxima, de um vizinho cuja agonia sob as ruínas do ministério da Justiça acompanhamos, impotentes, a da jovem que acolhemos e que, todas as manhãs e até cair a noite ia ao prédio desmoronado para finalmente vislumbrar sob os escombros, após dez dias, o telefone celular do esposo bem ao lado da mão, e depois o cadáver, cinco dias mais tarde.

Comecei a fazer isso e era preciso fazê-lo. Existe uma falha da memória que passa inevitavelmente por esse olhar sem piscar sobre o acontecimento, única garantia de conhecer algum dia o necessário início do esquecimento. É preciso manter-se à altura da humanidade nesse cume precário que fazia com que um personagem de *Hiroshima mon amour* pudesse dizer: "Sou dotada de memória. Conheço o esquecimento". Em seguida suas imagens vieram confirmar-me, recordando também que meu papel de escritora não podia resumir-se a uma contabilidade macabra ou à simples transcrição mecânica dos fatos, mas consistia em inventar um mundo que amplifique, prolongue ou faça ressoar precisamente o que precede.

Falhas-CORRIGIDO.indd 78 25/01/2013 16:51:18

A primeira imagem é a de uma criança retirada dos escombros, com os braços erguidos para o céu, um sorriso como uma fruta da estação, dizendo à mãe: "Tenho sede e tenho fome". A segunda é a de uma jovem nos arredores de um mercado que, três dias depois do terremoto, fazia tranças nos cabelos olhando-se ao espelho. Adorei aquele menino que dizia "sim" à vida, que quase zombava da desgraça e mirava o futuro com o sol nos olhos. Quanto à segunda imagem, disse a mim mesma que quando as jovens ainda querem se embelezar para antecipar o desejo e as palavras à flor da pele, a esperança não estará perdida. Ambas me levaram a uma verdade essencial: não celebrar a vida apesar de tudo, não a transformar por meio da arte ou da literatura, significa deixar-nos abater uma segunda vez pela catástrofe.

Esse acontecimento, por mais penoso que tenha sido, não conseguiu extinguir a escritora que trago em mim e que hoje, mais do que nunca, faz a si mesma as seguintes perguntas: o que escrever e como escrever após tal catástrofe?

Então me apressei a voltar a encontrar todas as sensações que conheço tão bem diante de minha folha em branco e de meu teclado. Primeiro, a de estar atrasada em relação à vida. Sempre. Em seguida, a de querer dar voltas em torno das mesmas interrogações como em uma sarabanda obstinada. Tentando trazer respostas, algumas de forma, outras de fundo, sabendo que a essas perguntas eu somente daria respostas provisórias, que teriam de renovar-se constantemente. Gosto da força que esse ato exige. Porque escrever não é apenas traçar palavras, "é preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar a escrita, é preciso ser mais forte do que aquilo que se escreve". Procuro nestes dias difíceis acumular um pouco dessa força para transcender o acontecimento e chegar novamente a meus leitores com palavras que saberão tocá-los como se fossem mãos".

No dia 25 de janeiro V., com efeito, encontrou o corpo do marido. Senti-me aliviada por ainda estar ali. Ela mandou embalsamar o cadáver e refez os trezentos quilômetros levando-o na mala do carro.

Nenhum comentário. Por aqui passa uma linha de silêncio.

Todas essas partidas são em breve substituídas por novas chegadas. Alix e Fabienne voltam de Nova York nos dias seguintes, a tempo de chorar os parentes desaparecidos, vestir os aventais de médicas para trabalhar durante toda uma semana. Sem repouso. Minha irmã, que chegou uma semana depois, faria o mesmo. Graças a elas, aos poucos tive uma ideia de um pedaço, de uma pequena fração do sofrimento cotidiano da cidade. Ouvimos um dia um ortopedista haitiano relatar a imensa tarefa realizada pelos médicos e apresentar algarismos terríveis:

Falhas-CORRIGIDO.indd 79 25/01/2013 16:51:18

houve entre sessenta e cem amputações por dia durante as duas primeiras semanas. Dos cento e cinquenta enfermos recebidos no centro onde ele trabalhava, foram amputados quarenta, dos quais seis crianças. Em um país que já tem imensas dificuldades para cuidar dos que não são deficientes físicos. Terrível. Terrível. Compreendo também que em meio a tudo isso a medicina haitiana recebeu um grande golpe. Hoje ela está ameaçada por todos os lados. Obrigada a metamorfosear-se. Encontra um meio de ser melhor e mais a serviço de todos. Obrigada a coordenar-se com a ajuda internacional, com a de Cuba, que não é a das ONGs nem a dos salvadores vindos em grande quantidade. A generosidade veio com um corolário menos visível: a bagunça. Os centros hospitalares haitianos pagaram caro por essa corrida humanitária e os médicos também. Mas a população pode aproveitar o que até então era apenas um privilégio: o direito à saúde. Quando haverá uma administração da saúde que permita à população ter acesso à assistência sem asfixiar ao mesmo tempo a medicina local?

À noite, com minha irmã L., em torno da mesa, falamos de tudo, de nossa infância. Ela tem seu lugar em nós, como um enigma. Atravessa as estações, os lugares e as palavras. Voltamos a ela como a uma fonte após anos de ausência. Esquecemos as desgraças do momento, a tristeza do tempo que passa. A fonte é clara, as imagens estão intactas. E além disso há essa lua que adormece em meio às estrelas ouvindo nossas risadas.

Falhas-CORRIGIDO.indd 80 25/01/2013 16:51:18

O declínio da classe média

Naquela noite eu não esperava fazer um *chat* no Yahoo Messenger com uma amiga. Ela é alta funcionária de um banco privado. O marido exerce uma profissão liberal. Não foi na verdade uma conversação porque minhas palavras não eram pertinentes, como sempre acontece diante de um infortúnio para o qual não somos capazes de indicar uma saída. Dentro de meu silêncio, tentei manter intacta a angústia que notava nas palavras de F. Para compreender.

Quando a mensagem dela surgiu na tela, respondi: "F., como vai você? Está aguentando o golpe?

F: Imagine, absolutamente não.

Eu: Que está acontecendo?

F: Continuo abrigada em casa de amigos com L. e nosso filho menor. O mais velho está com uma prima. Nossa casa desabou.

Eu: Você tem perspectivas?

F: De em breve estar na rua. Sabe, as pessoas te acolhem por alguns dias ou um mês, porém depois disso não é mais possível. A gente atrapalha.

Eu: Que é que você pensa fazer?

F: Sou considerada a mais forte da família.

Eu: Sim, conheço a mulher haitiana *patomitan*, mas ninguém é obrigado a ser forte o tempo todo. Não está escrito em lugar nenhum.

F: Ora, já não há mais *poto*. Estou destruída. Como a casa.

Eu: ...

Falhas-CORRIGIDO.indd 81 25/01/2013 16:51:18

F: Já vê que nessas histórias de reconstrução, as pessoas como eu terão de se virar sozinhas.

Eu: Por quê?

F: Porque pertenço a essa classe média que sempre continua a descambar para a precariedade.

Eu: ...

F: Nessa famosa refundação-reconstrução, os ricos vão ficar mais ricos. Já se prepararam para isso com a ajuda do governo e a internacional. Desejo que a situação dos pobres melhore. Mas para nós, nada.

Eu: Vão ser tomadas medidas.

F: Você acredita nisso? Eu não, nada. Escute, tenho um carro que acabei de pagar há três meses. Ainda faltam seis anos para pagar a casa, que agora não existe mais. Mas a dívida continua a existir. E ser proprietária de uma Hyundai e de uma casa modesta é ser rica aos olhos dos estrangeiros e aos dos demagogos haitianos.

Eu: De qualquer forma, não se pode construir a democracia sem classe média e nem organizar uma retomada econômica sem ela."

Sei que, ao escrever essas palavras, estou enunciando uma pura ficção teórica, mas o faço para convencer-me e tranquilizar-me.

"Mas você não entendeu nada," responde F.: "a pobreza absoluta é a base do comércio deles. E a imagem do pobre é um clichê útil. Serei obrigada a dormir em meu carro e tornar-me realmente pobre. Talvez então alguém cuide de mim."

Eu: Pense nas crianças.

F: O mais velho está no terceiro ano de medicina na universidade do Estado e já vai fazer um ano que não há aulas. O menor está na escola São Luiz Gonzaga. A escola sofreu danos no dia 12 de janeiro e o pátio está ocupado por tendas dos sem-teto que no momento não têm para onde ir.

Eu: Faça um esforço para vislumbrar perspectivas.

F: Não. Porque, seja como for, eu pertenço à categoria que não é vista. As pessoas competentes deste país vão todas embora. E toda a política nacional e internacional é feita para que deixemos o Haiti. Eu preferi ficar e estou pagando caro meu nacionalismo.

Eu: ....

No momento em que redijo as lembranças desse diálogo, a universidade do filho dela ainda não reabriu, as propostas de evacuação do pátio da escola do mais novo continuam bloqueadas. E mais: uma ONG internacionalmente conhecida aparece com o argumento de que se trata de uma escola burguesa e um grande jornal de Los Angeles diz que mil alunos não estão mais indo à escola porque nela estão três mil pessoas necessitadas vivendo em tendas. Por que motivo, em vez de exacerbar um

Falhas-CORRIGIDO.indd 82 25/01/2013 16:51:18

conflito, não procurar primeiro, como fazem em seus países, encontrar a saída que prejudique menos as duas partes?

Essas mil crianças estão longe de serem filhos de burgueses. Já faz trinta anos que S. Luiz Gonzaga forma crianças da classe média e média baixa. Os filhos da burguesia e da alta burguesia frequentam outras escolas internacionais que as ONGs e os jornalistas não podem impedir de funcionar.

Ainda mais, recebo em minha caixa propostas de nada menos de três agências para emigrar ao Canadá. Toda uma onda de profissionais novamente dá o salto. Em poucos meses lerei nos relatos internacionais e nos do Canadá que o Haiti preocupa. Que não é capaz de buscar ajuda e nem de se organizar, por falta de quadros. Tira-se com uma das mãos o que se dá com a outra. Uma forma de nos manter no mesmo estado e de continuar afinal com a mesma política. A lógica funciona do princípio ao fim.

Pioramos, pioramos cada vez mais! F., você tem toda a razão...

Falhas-CORRIGIDO.indd 83 25/01/2013 16:51:18









O privilégio é um país estrangeiro

Vai ficando mais difícil sair de meu beco de manhã e voltar à tarde. Uma ONG se instalou recentemente na esquina. O preço dos aluguéis aumentou com tanta rapidez que hoje se tornou quase impossível para um haitiano médio morar decentemente ou alugar um espaço para iniciar uma empresa, pequena ou média. As agências de locação de automóveis, que já praticavam tarifas que desafiam qualquer lógica, foram ultrapassadas pela demanda e os particulares aproveitaram a oportunidade. Hoje em dia os carros são alugados na República Dominicana. Tudo isso causou um aumento de preços das frutas e dos legumes no mercado, dos produtos de consumo nos supermercados e imensos engarrafamentos. Uma espiral da qual não sairemos ilesos. A presença das ONG se afirmou claramente: entre seis e oito mil, e até mesmo dez mil, o que faz do Haiti o país de maior concentração de ONGs por habitante. Algo nunca visto. Mas isso nos salvará? Não creio. No momento de urgência certas ONGs realizaram um trabalho notável que ninguém poderia negar. Mas estaremos condenados a permanecer sempre na sala de recuperação com uma equipe hospitalar pletórica à cabeceira? Que está sendo feito para que doentes como nós se levantem da cama? E se, afinal de contas, a doença terminar por colocar o doente e o pessoal de socorro na mesma morbidez? Qual a alternativa?

Houve uma sensível agitação do lado da comunidade internacional, que muitos haviam interpretado como um despertar capaz de trazer novo conteúdo à solidariedade planetária. A agitação é ainda palpável apesar de um cansaço cujos sinais conhecemos muito bem. A ajuda não

Falhas-CORRIGIDO.indd 85 25/01/2013 16:51:18

faz sair da pobreza. Roody diz com razão que esse boca a boca artificial nunca reanimou nenhuma sociedade enferma de subdesenvolvimento; pode-se acrescentar que tampouco reanimou nenhum Estado atingido em sua natureza. Nosso Estado já recebeu no passado roupagens com todos os qualificativos: Estado patrimonial, débil, predador e atualmente, falido. Com razão: há anos nosso governo não está à altura dos desafios de sempre. Como poderia agora estar à altura desta desgraça? Mas seu fracasso é o das elites, de todos os setores conjuntamente (políticos, econômicos, intelectuais e os da diáspora).

A poucos metros dessa ONG norte-americana, que agora envenena a vida do beco, o acampamento da praça Boyer acaba de organizar-se. Os porta-vozes continuam a divulgar as recomendações de higiene contra as doenças sexualmente transmissíveis, especialmente a AIDS, contra a difteria e outras enfermidades da promiscuidade. Com privadas e duchas que finalmente começam a funcionar, os odores nauseabundos já não empestam tanto o ar. Isso se deve à organização instaurada pelas ONGs e pelas autoridades, que permitiu evitar as grandes epidemias. Mas essa organização foi na realidade calcada sobre outra, feita de vozes, risos, bocejos, cóleras súbitas. *Difícil ouvir vozes e risos sem pensar na dor que se oculta atrás das pálpebras, sob o torso, na cavidade renal e ao longo das pernas fatigadas de correr em busca do nada. Essas vozes e risos que explicam também por que motivo a desgraça encontra sempre nesta ilha todo o espaço para abrir as asas e crescer, mas não o espaço suficiente para estar sozinha.*

Esse acampamento, portanto, poderia ser um quadro de Jerônimo Bosch, porém temperado pelo humor surpreendente de outro pintor, o haitiano Rigaud Benoît e pela paródia política de outro pintor haitiano, Édouard Duval-Carrié. Um "esteticista" improvisado do outro lado da rua arruma as sobrancelhas de uma mulher sentada em uma cadeira. Talvez ela não disponha dos poucos níqueis necessários para embelezar-se mais em um salão precário do acampamento. Duas crianças aprendem a andar de bicicleta, adolescentes ensaiam o manejo de uma bicicleta motorizada, e todos dão voltas à praça Boyer seguindo o percurso que antes servia de pista de provas para todos os aprendizes de motorista de Pétion-Ville e alhures.

Um caminhão baú, espécie de caverna ambulante de Ali Babá, estaciona todas as manhãs em um canto da praça. O proprietário da caverna vende de tudo: quinquilharias usadas ou novas, televisores, tábuas de passar roupa, bichos de pelúcia, vestimenta, lanternas de bolso, pratos e copos de plástico, cadeiras de escritório. A caverna não se esvazia. As pessoas compram, experimentam as roupas, discutem os preços. Comerciantes menos afortunados penduram em um barbante,

Falhas-CORRIGIDO.indd 86 25/01/2013 16:51:18

diante de suas tendas, os objetos variados que uma remessa de dinheiro enviada do exterior por um parente lhes permitiu comprar: dois pares de meias, pilhas para rádios transistor, algumas roupas de baixo... As vendedoras de comida instalaram seus fogareiros na própria calçada e oferecem os cardápios do dia muitas vezes compostos do mesmo arroz distribuído pelas ONGs, assim como água e lonas para construir abrigos em vez de verdadeiras tendas. As lonas são vendidas, penduradas no muro de uma casa da rua adjacente. As empresas telefônicas ainda oferecem minutos gratuitos. Uma ONG projeta filmes em uma grande tela instalada no acesso sul da praça. Fala-se até mesmo de escolas que em breve funcionarão nos acampamentos e de casas a serem entregues prontas. Algumas pessoas, cujas casas não sofreram danos, as alugam e passam a morar nos acampamentos (por que não?) a fim de beneficiar-se de um "maná" bastante elementar, mas ao qual jamais teriam direito nem acesso. Esperamos que haja uma recolocação, que sabemos progressiva, porém com um mínimo de decência, para esses milhares de pessoas.

Não ter medo da penúria e nem do sofrimento e organizar em perfeita coerência o que outros consideram um caos: eis as duas leis que antes sempre governaram estes espaços e que os governam hoje. Que os fazem não legíveis para quem não quer aprender essa sintaxe e esse léxico. A capacidade de suportar se tornou o termo cômodo, apressado, muitas vezes tisnado de exotismo, para falar disso, quase como de uma essência. O racismo tampouco está muito distante.

Mas minha pergunta é a seguinte: vamos permitir (inclusive os cidadãos, os partidos políticos e o governo) que somente as ONGs decifrem esse léxico e essa sintaxe (por força da proximidade) e perpetuar assim a distância secular entre os que possuem e os que não possuem? Os partidos políticos ainda não compreenderam por que motivo algumas de suas tentativas de mobilização não tiveram resultado, entre outras razões por não haver estado presentes nos acampamentos e procurado compreender de perto o que ocorria neles. Com efeito, alguns políticos preferiram entregar-se a uma interminável logorreia pelo rádio. Ora, essa ausência tem preço. Que os partidos já começaram a pagar. O governo pagará mais tarde. Sua posição e o tempo por enquanto operam a seu favor.

Aconteceu comigo às vezes, antes do 12 de janeiro, que jovens das camadas populares me perguntaram minha nacionalidade, quando os encontrei pela primeira vez. Mas à mesma pergunta acrescentou-se uma nuance importante, no acampamento do Pétion-Ville Club:

Falhas-CORRIGIDO.indd 87 25/01/2013 16:51:18

"És americana?
- Não.
- És da Martinica?
- Não.
- És africana?
- Não.
- Então és da Oxfam?"

Nem uma vez a pequena Samy, que já acredita que a Oxfam seja um país, me perguntou se eu era haitiana. Como recuperar nossa soberania e as forças políticas que a reclamam a plenos pulmões estão hoje quase ausentes dos acampamentos e dos meios populares urbanos e rurais em geral? Se as forças econômicas se contentam com respingos dispersos, se o Estado não dá início a nenhuma tentativa de grande escala para romper a desconfiança e encetar a longa obra de reparação do tecido social em farrapos? Que é exatamente o que se quer reconstruir com tal tecido social? Continuo sem saber.

Bebemos a taça da vergonha, de cabeça baixa, nada mais.

Falhas-CORRIGIDO.indd 88 25/01/2013 16:51:18

O sussurro dos começos

Quando, na esquina da Avenida Martin Luther King, Nathalie perguntou a Guillaume o que achava do jovem estagiário que haviam admitido duas semanas antes, ele tardou alguns segundos para responder. Acabara de resolver pensar em outra coisa. Naquela cidade que amava sem saber por quê. Que às vezes fazia crescer a angústia em bolhas nauseantes. Que sempre lhe havia parecido, mais do que qualquer outra, a igual distância da vida e da morte. Cidade Gede[14] *até a medula dos ossos.*

Inicialmente respondeu de longe a Nathalie. Em seguida, cada vez mais de perto. Por causa da boca, olhos e voz dela. Não sabia muito bem, mas era difícil para ele manter por muito tempo o coração tranquilo. E então a conversação entre ambos recomeçou com a mesma mistura de desordem encantada e mentiras convencionais. Ambos aceitavam tacitamente essa falsa conversação. Nathalie supunha coisas que não eram ditas e se preocupava a contragosto. Guillaume prestava justamente atenção para não dar a entender muita coisa. Como selar tão depressa alguma conivência?

Deve-se dizer que ao chegarem à ladeira da rua, a espontaneidade entre os dois se desfizera. Jogavam um jogo conhecido por ambos. Ele gostaria de terminá-lo o mais depressa possível. Ela queria e quase temia querer.

Encontravam-se justamente no sussurro dos começos. Era estranho, mas assim era.

Do pórtico à entrada do prédio caminharam sem falar. Seriam realmente necessárias as palavras? Sem dúvida nesse momento pareceriam ainda mais fingidos. O silêncio falava em lugar deles. E isso estava muito bem.

[14] Divindade vudu que encarna o casal Eros e Tanat.

Falhas-CORRIGIDO.indd 89 25/01/2013 16:51:18









Os amigos da manhã de domingo

Frequentemente faço aos domingos de manhã minha segunda pausa ritual com M. e sua mulher D. e me preparo, neste domingo, a retomar meus bons hábitos. Desperto em meio a cores e rumores de domingo olvidados desde o 12 de janeiro. Na favela atrás do muro, à direita de meu quarto, os jogadores de dominó instalaram novamente a mesa, com os primeiros raios do sol, e batem valentemente com as peças. Um novo DJ há pouco chegado e bem mais perto de meu quarto que os anteriores toca a mais recente composição de Arly Larivière[15], que a cada minuto acompanha com gritos ora agudos ora guturais, porém de evidente contentamento: *Uuuuuuii! Auuuueeeiii!* Pior para os que não gostam de Arly Larivière ou que simplesmente desejam um pouco de silêncio, como eu. Pior para o culto protestante, que ocorre a alguns metros. Os fiéis, aliás, passaram a cantar com mais ardor, fazendo aumentar os decibéis acompanhando o pastor que urra um salmo ao microfone, infligindo-nos também sua fé ruidosa. Sem dúvida os dias começam a fazer amainar a dor, roer a memória. "Sou dotada de memória. Conheço o esquecimento". A rotina dos dias muito comuns tece sua trama, tranquila.

O rádio anuncia as novas medidas do PAM para a distribuição de alimentos. Somente mulheres devidamente identificadas estão autorizadas a entrar na fila para receber ajuda. A medida seria desvirtuada em pouco tempo. De qualquer forma, a longo prazo, a ajuda é capaz de perverter os que a doam e os que a recebem. Um membro do executivo fala

[15] Compositor e cantor haitiano muito em moda no final do ano de 2009.

Falhas-CORRIGIDO.indd 91 25/01/2013 16:51:18

da ausência total de poder de controle sobre as ONGs por parte do governo e do perigo evidente, com a distribuição maciça de auxílio alimentar, para a produção agrícola local, que em 2009 se recuperava timidamente de um longo coma. Quem então organizará o despertar do coma?

O olhar de historiador de M. sempre lança um clarão profundo a minhas lancinantes interrogações de escritora. Evocamos a catástrofe que fez o Haiti sair do esquecimento. Que fez um homem como Colin Powell dar um brado de revolta (excepcional para um homem público) afirmando que os Estados Unidos deviam bilhões ao Haiti por haver-se dedicado durante duzentos anos a esmagar este país, utilizando-o como propriedade, quintal, depósito e pátio de recreação. Que fez um homem como Clinton sentir a necessidade de pedir perdão (fato igualmente raro para um homem público) por haver injustamente exigido a liberalização total do mercado haitiano (com cúmplices locais). Isso levou à asfixia da produção local de arroz e a modificações nefastas nos modelos de consumo de alimentos. Historiadores e jornalistas do Caribe, da África, do Oriente Médio, da América Latina, experimentam agora a necessidade de descobrir, recordar e expor, a partir da história do Haiti, fatos essenciais indispensáveis para a compreensão das relações Norte-Sul e as contradições de uma modernidade que não cumpriu todas as suas promessas. Algumas dívidas são inesgotáveis.

Mas neste domingo retomo minha primeira obsessão: o Haiti, ao contrário da República Dominicana e de Cuba, reagiu ao exagero da escravidão em São Domingos com um despropósito igual ao destruir a quase totalidade das infraestruturas econômicas do sistema de grandes fazendas. Ao mesmo tempo, enterrou nessas ruínas uma forma de organizar e conceber o mundo, característica da modernidade. Cuba e a República Dominicana, colonizadas durante um tempo mais longo e não havendo destruído a infraestrutura econômica, puderam encontrar as bases para estabelecer os dois sistemas oriundos da modernidade: o socialismo e o capitalismo. Nosso percurso é bem diferente do desses dois vizinhos. Ele é atípico. Como reconciliar tudo isso? Estou com veia teórica. Talvez demasiado, mas quero compreender.

M. me pede que especule sobre a ideia de um Haiti que somente retrocedeu desde 1804. Não é exatamente meu propósito inicial, mas ouço. A ideia de um século XIX haitiano, como nos ensinaram nossos livros, ou como uma certa opinião no Ocidente tem interesse em difundir, deformou a realidade. A República Dominicana foi claramente mais instável do que o Haiti no século XIX. Em setembro de 1930, o Haiti organizou uma verdadeira ponte aérea para ajudar a República Dominicana devastada por um furacão. Ele me respondia obliquamente,

Falhas-CORRIGIDO.indd 92 25/01/2013 16:51:18

sem me apontar erros, mas mesmo assim respondia. O Haiti enfrentou um enorme desafio, prosseguiu. Era preciso reinventar tudo entre etnias africanas díspares e dois grupos sociais com interesses divergentes e com concepções do mundo diversas. Qualquer coisa seria reinventada, por bem ou por mal, entre 1804 e 1915 (data da primeira ocupação norte-americana), a começar por uma descentralização cujo trajeto essa ocupação reverteria inevitavelmente ajudada anos mais tarde pelo regime de Duvalier. A reinvenção foi ainda mais necessária porque as potências da época nada nos deram de presente. A colonização francesa, ao contrário da espanhola, deixou muito pouco: nada de sistema legislativo, nada de sistema educativo, nada de urbanismo. Para os colonos, tratava-se de juntar fortuna rapidamente num antro de pirataria e rapina e voltar à França.

Sim, mas por que nós não soubemos criar apesar de todas as condições para que uma maioria vivesse decentemente? Em um estalo, eu recito a mim mesma certos diálogos de *La Tragédie du roi Christophe*, mas é impossível fazer essa pergunta à M. devido à chegada ruidosa de L. L. não tem nem mesmo tempo de sentar-se que nós já lhe questionamos sobre sua opinião acerca da ampliação do fenômeno religioso protestante nos dias de hoje. Com razão. L. é antropólogo especializado em religiões. Fala-nos de uma senhora de pele muito escura, vinda dos Estados Unidos, e que afirma haver falado com Deus. Ela conquistou os aparelhos de rádio, destronando os tenores políticos, e profetizou a morte de todos os que, no dia 12 de fevereiro, não se prosternassem para invocar a Deus. Quem poderia ter falado melhor para consolar uma população já atormentada com tantas desgraças? L. nos informa de um recuo do vudu e do catolicismo, assim como da ascensão de todos os tipos de sincretismos. O mais importante destes, sobretudo nos bairros marginais das grandes cidades, é sem dúvida o Exército Celeste, uma espécie de mistura de pentecostismo e vudu. Guardo imagens indeléveis de uma tarde passada com L. em um desses bairros para assistir a um longo culto de um dos exércitos celestes.

O historiador e o antropólogo nem sempre esclarecem os fatos de maneira similar e além disso têm personalidades diferentes. Falar com M. é um prazer, e falar com L. também, mas quando estão juntos, falar com os dois aumenta em dez vezes esse prazer.

Se nos sábados uma sopa de sabedoria nos ajuda a refazer o Haiti e o mundo, nas manhãs de domingo preferimos o ardor do rum ou da tequila (M. e sua mulher D. passaram um longo exílio no México durante a ditadura de Duvalier). A conversação continua até muito tarde.

Falhas-CORRIGIDO.indd 93 25/01/2013 16:51:18









O *homo politicus* ou uma das faces de Janus

Ao ir visitar S., minha vizinha, cruzo no beco com Alex, neto dela. Alex se sente muito só depois da partida de seu irmão mais velho, de Sarah e Chloe. Habituou-se a passar longos momentos em companhia de minha mãe. De vez em quando surpreendo as conversas dos dois. Alex tem opiniões e faz perguntas sobre todos os assuntos. S. e eu comentamos rindo essa ligação entre um menino de nove anos e uma mulher de oitenta e cinco. Tomando café, S. e eu falamos sobre a conjuntura. Recordo algumas das vozes tonitroantes de nossos homens e mulheres que fazem política. É difícil escapar delas quando se aproxima o período eleitoral. Relato a S. que estou escrevendo algo cuja forma final não conheço exatamente, mas mantenho o rumo. Digo a ela que a reconstrução, a verdadeira, tem de passar pelo estabelecimento de condições diferentes das que foram criadas pelo *homo politicus* haitiano de hoje. Depois de deixá-la, continuo sozinha minhas reflexões.

Quando não está no poder, o *homo politicus* tem de enfrentar uma série de dificuldades importantes. A primeira é a desconfiança endêmica da população, cujo peso imenso, ao que parece, alguns ainda não avaliaram. Desconfiança que suscita uma tendência evidente por movimentos eleitorais espontâneos e efêmeros, de preferência a participação em partidos políticos cuja vocação é precisamente organizar-se e inscrever-se em uma escala duradoura.

A segunda dificuldade tem a ver com os obstáculos que todo poder em exercício nunca deixa de levantar no caminho da oposição.

Falhas-CORRIGIDO.indd 95 25/01/2013 16:51:18

Erguer obstáculos constitui uma das atividades prediletas dos poderes constituídos.

A terceira dificuldade, e não a menor, reside na precariedade. Como chegar ao bolo nacional quando os recursos à disposição são poucos ou não existem e quando as campanhas eleitorais se tornam cada vez mais onerosas? Como fazê-lo quando se conta precisamente com o acesso a uma função para obter rapidamente a saúde financeira e resgatar em seguida as obrigações comunitárias ligadas à cultura de solidariedade da sociedade tradicional? Isso porque, se se trata de *comer*, trata-se também de *não comer sozinho*, segundo o dito popular. Então, todas as ocasiões são boas, inclusive, é claro, a corrupção.

A primeira consequência é que o *homo politicus* prefere muitas vezes assaltar o poder, reclamar governos de salvação pública sem passar pelas urnas, em vez de dedicar-se ao lento trabalho de organização da tomada do poder a começar por vencer a desconfiança secular. Sendo o Haiti um país onde a terra desliza sob os pés, entendendo-se essa expressão como significando um país imprevisível, alguns dos *homo politicus* tratam de tornar-se detentores de outro passaporte ou de residência em um país onde a terra não deslize sob os pés (Estados Unidos ou Canadá). Frequentemente instalam nele mulher e filhos. A esse protótipo veio juntar-se o do candidato que mergulhou em negócios ilícitos e precisa encontrar uma imunidade que o coloque ao abrigo, ainda que provisoriamente, das buscas da Interpol ou da DEA, organismo encarregado de lutar contra o tráfico de estupefacientes.

Mas num país de *créoles* e *bossales* não se pode minimizar a insana necessidade de reconhecimento e o peso anacrônico da questão da cor. O terreno político está quase todo ocupado por *créoles* ou aspirantes a esse status e a política constitui a seus olhos um dos poucos espaços de afirmação de si mesmos. Daí esse enorme investimento emocional para ocupar os corredores do poder ou seus cenáculos encantados. Investimento que atinge o apogeu em nuvens delirantes durante os períodos eleitorais. E se esse aspirante a *créole* ou esse *créole* nascido fora de Port-au-Prince será, além disso, necessário que venha à capital para gozar de uma autoridade ou, ainda melhor, fazer-se valer tocando a buzina nos engarrafamentos, entrando na contramão em uma resplendente 4X4 nova, seguido por um veículo transbordante de guarda-costas. Tudo isso fará dele a estrela mais brilhante de sua cidade ou de sua comunidade de origem. Essa sede constante de afirmação e visibilidade prossegue por meio da frequência a círculos estrangeiros em Port-au-Prince, ao grupo de *créoles* mulatos do poder, com a esperança secreta de satisfazer suas aspirações e de obter reconhecimento social

Falhas-CORRIGIDO.indd 96 25/01/2013 16:51:18

namorando uma mulher de pele clara, ou melhor, uma mulata. Alguns estão dispostos a arriscar tudo por essas exibições de status. É preciso reler Frantz Fanon, *Peau noire, masques blancs*, mas principalmente Micheline Labelle, *Idéologie de couleur et classes sociales en Haïti*, para entender os jogos e as apostas coloristas da primeira república negra.

Em meio a tantas tensões e amarguras resta evidentemente pouco espaço para qualquer convicção. Os que combatem em pura boa-fé nesse tabuleiro (pois existem) são infelizmente demasiadamente escassos para constituir uma massa institucional de peso. A sociedade continua bloqueada. Quando virá a reconstrução em busca da modernização das instituições políticas? E quem a iniciará?

Prossigo essa reflexão enquanto tento arrumar minha biblioteca. Há vários dias venho adiando essa arrumação. Já não tenho o pretexto da estante que virou no momento do tremor de terra e cujas prateleiras se quebraram, pois anteontem veio um marceneiro para consertá-las e fixar a estante à parede. Resolvo nesta tarde dedicar-me decididamente a essa tarefa, mesmo em meio a todas essas reflexões. Faço, portanto, uma pausa. A operação que tenho diante dos olhos não é anódina e toma um aspecto quase cerimonial que envolvo no mesmo silêncio que encontro nos livros. Ler é abrir as portas do silêncio, penetrar nele com passos cuidadosos, com o coração aos saltos, e mirar diretamente o desconhecido. O que se aprende nos livros, diz Christian Bobin, é a gramática do silêncio. E essa língua não tem fim. Ela me alivia. Frequentemente.

Falhas-CORRIGIDO.indd 97 25/01/2013 16:51:19









O *homo economicus* ou a outra face de Janus

Ao passar junto aos livros dispersos pelo chão, muitas vezes meu olhos batia em um escritor, romancista ou poeta – Durrell ou Éluard – ou um título – *A incrível e triste história da cândida Erendira e sua avó diabólica*, ou *Alcools*. Havia também todos os demais, comprados ou ganhos de presente, lidos e relidos, os que nunca o foram e cuja leitura sempre deixamos para mais tarde e aqueles que foram lidos apenas uma vez. Eis tudo. Arrumar livros ou repassar anos de vida é a mesma coisa. Os anos têm a mesma cor e o mesmo odor das páginas fechadas que folheamos novamente. Naquela tarde, entre os livros e meus pensamentos, um vai-vem ininterrupto. Assim, impossível não evocar a outra face de Janus.

Isso porque o *homo economicus*, essa outra face de Janus, está longe do repouso. Por haver, assim como *homo politicus*, incorporado o ditado sobre a terra que desliza, ele perpetua em seu modo de ser neste país a tradição da pirataria e rapina dos tempos coloniais, que consiste em ganhar dinheiro depressa, e muito depressa. É em geral detentor de dois ou três passaportes adquiridos graças a diversas mestiçagens durante os séculos, o que o coloca a salvo de problemas de todo tipo em caso de derrapagem política. Miami da *middle* ou *upper middle class* é seu Éden, seu abrigo e seu terreno. Esse grupo dos *homo economicus* se ampliou há alguns anos graças à aceitação em seu seio de sírio-libaneses até então desprezados. Ao contrário do *homo politicus*, que brilha pela ignorância das realidades econômicas, o *homo economicus* desenvolveu somente o entendimento dos negócios. Nesse sentido, ambos estão quites. O *homo*

Falhas-CORRIGIDO.indd 99 25/01/2013 16:51:19

economicus é em geral um pragmático feliz, de imaginação preguiçosa e coração despreocupado. Sem querer rebaixar-se metendo-se diretamente na política, prefere manipular os cordéis nos corredores de todos os poderes, populistas de esquerda, de direita, governos provisórios, golpistas ou de salvação pública. Pouco lhe importa! Aliás, por que motivo deveria ele preocupar-se com estados de alma? Para corromper o *homo politicus*, que o deixará introduzir suas mercadorias de contrabando e o dispensará de qualquer obrigação de alimentar os cofres do Estado? Ele é comensal da corrupção até o pescoço, mas se defenderá como de uma injúria social.

Além disso, seria um erro acreditar que ele não participe da corrida ao reconhecimento. É completamente tomado pelos mesmos defeitos narcisistas, porém, ao inverso do *homo politicus*. Sua necessidade de reconhecimento resulta no oposto do complexo de inferioridade do *homo politicus*. Alimenta disfarçadamente um complexo de superioridade que se traduz por uma autossuficiência, e uma arrogância capazes de assumir todas as nuances da linguagem e das atitudes. Procurei captar vivamente uma de suas ilusões quanto aos supostos atributos da mulher negra neste trecho de *La Couleur de l'Aube*: *Ao atravessar o salão até a bela penteadeira de cerâmica azul sob a escada, percebi os olhares dos convidados ilustres que me queimavam e me reduziam a uma definição essencial. Para aqueles burgueses, mulatos de pele clara, eu não era uma jovem em flor, mas simplesmente a fêmea negra de uma espécie que possui um simples aparelho distintivo: dois seios e uma vagina. Uma espécie destinada às palhoças, aos trabalhos manuais e à cama.*

Em certos aspectos, ainda estamos no tempo da colônia de São Domingos.

As ambições e os fantasmas são a sina da humanidade. Salvo que em outros lugares as instituições e as leis desempenham o papel de guardiães dos loucos e impedem a esses fantasmas e ambições causar demasiados prejuízos ao conjunto da sociedade. O surgimento recente de alguns muito raros *homo economicus* negros e de alguns *homo politicus* mulatos ou sírio-libaneses, assim como um recuo da endogamia de cor, em nada modificaram essa partilha secular entre intendentes políticos negros e produtores econômicos mulatos (e hoje em dia sírio-libaneses).

E a maioria sabe e sente. Essa grande maioria terá renunciado por isso à ideia de que a única saída à situação de escravo é que este se torne por sua vez senhor absoluto: *homo politicus* ou *homo economicus*? Não se tem certeza. O imaginário popular não estaria também em um impasse? Um impasse que, precisamente, alimenta a desconfiança.

Continuei a arrumar minha biblioteca em desordem. A classificação por ordem alfabética virá depois. Em um momento mais propício. Além

Falhas-CORRIGIDO.indd 100 25/01/2013 16:51:19

disso, sinto-me esgotada. Na verdade, não me dedicava de coração. Portanto, ouvi música pela primeira vez depois do terremoto, misturando todos os gêneros, como para recuperar o tempo perdido. Miles Davis, Omar Sosa, Emeline Michel, Henry Purcell, Azor e Barbara. Antes de escrever tarde da noite o que precede, de uma enfiada, quase como quem arranca com um único gesto um dente enfermo.

Falhas-CORRIGIDO.indd 101 25/01/2013 16:51:19









A véspera do dia dos namorados

Na véspera do dia de São Valentim um jornalista passeou o microfone tarde da noite no acampamento de Champ-de-Mars, como vinha fazendo há algum tempo em diversos acampamentos em Port-au-Prince. Evidentemente, agrada-me povoar minhas insônias com as palavras brutas dessas vozes anônimas. Esta noite, o alvo são os jovens (não sei se são os que se ajoelhavam em todas as esquinas na véspera). Por causa de São Valentim. Claro, a globalização exige, e São Valentim já invadiu as consciências aqui. Não as consciências de todos. O camponês encarapitado nos lados de Ranquitte ou de Thiotte talvez jamais tenha ouvido falar nisso.

Já que a população rural se reduz constantemente em toda a América Latina, não se pode senão prever prosperidade segura e longa vida aos fabricantes de chocolate, às telenovelas, aos romances cor de rosa e aos lugares-comuns difundidos pelas estações de rádio. Tudo isso misturado com o *rap*, o *reggae* e o *ragamuffin*.

Tanto os rapazes quanto as moças dizem, na maioria, que apesar das catástrofes, apesar dos sofrimentos, comemorarão este dia à sua maneira. Falam com voz nua, exposta, sem prudência. Uma voz que melhor que qualquer outra sabe modular-lhes a noite. Uma eternidade parece crescer da noite. O 12 de janeiro gerou um saber sem igual sobre a morte. Um saber que às vezes é capaz de aproximar-se apenas do prazer. A morte e o prazer estão tão próximos nesta noite...

"Então, como te chamas?

- Erwin.

Falhas-CORRIGIDO.indd 103 25/01/2013 16:51:19

- Pretendes comemorar o 14 de fevereiro? Aliás, tens namorada?

- Claro que sim. E vou encontrar alguma coisa para fazer com ela."

Risos explodem na noite.

"- Estou vivo e quero que a morte fique sabendo.

- E como vais fazer isso? – pergunta o jornalista.

- Vou oferecer a ela apenas uma barra de chocolate. Não tenho muito dinheiro. O escritório onde eu trabalhava desabou e meu salário foi reduzido à metade. Mas não me queixo. Acho que ainda sou afortunado por poder ver nela o olhar que adoro, quando lhe der o chocolate".

Ao lado dele, um amigo diz que está desempregado e por isso arrancará algumas flores do jardim diante de uma casa burguesa.

Um outro: "Desde que não atirem em você e que não te prendam numa batida, como ladrão.

- É isso o que desejas para mim?"

Novos risos estrondosos.

Quanto a B., pretende dar a sua dulcineia uma garrafa grande do suco de fruta preferido dela. As moças também tagarelam e esperam ser cortejadas.

"E se ele não puder te dar nada?

- Eu continuarei a gostar dele – responde Kétia. No ano passado ele me levou a um restaurante na parte baixa da cidade, foi *cool*.

Outra: "Basta que ele seja terno, é tudo o que peço".

As moças riem.

O jornalista se aproxima de dois casais:

"Que fizeram no ano passado?"

A moça responde que Thony a levou para tomar uma taça de vinho.

"Foi a primeira vez que provei vinho. E gostei muito."

O outro casal tinha dançado a noite inteira. Riem-se maliciosamente, com ar de cumplicidade, e os risos revelam que somente dançaram.

Falhas-CORRIGIDO.indd 104 25/01/2013 16:51:19

Um desejo já indiscreto

Dentro de Nathalie, nada de silêncio, e sim um espanto que a obrigava a repetir para si mesma: ele não é bonito, não tem nenhum encanto especial, o que me prende aqui, junto a este homem? Aliás, é claro que ela tinha dúvidas a respeito dele, sabendo que a esposa residia há anos na América do Norte com os dois filhos. Uma mulher que o deixara com seus sonhos impossíveis, com suas frustrações de homem que fracassa em realizá-los, e talvez com suas aventuras. Quem sabe? Nathalie se perguntava por que diabo ele não tinha ainda partido ao encontro da mulher e inventava razões que a tranquilizavam, apagando-as também para erigir outras que a punham em perigo.

Guillaume havia seguido Nathalie quando ela começava a subir a escada em direção ao segundo andar onde morava, imediatamente à direita sobre o patamar. Diante da porta do apartamento, Nathalie foi procurar a chave no lugar exato onde habitualmente a guardava, mas não a encontrou. Tentou duas vezes, em vão. Detestou aquele contratempo, que dava certa vantagem a Guillaume. No momento em que, já sem paciência, preparava-se para revirar o conteúdo da bolsa em um dos degraus da escada, acabou por encontrar aquela maldita chave.

Diante daquela mulher que lhe agradava, Guillaume cultivava o silêncio e o aproveitava para apaziguar aquela parte de si mesmo que já o impelia a deslizar a mão sob as roupas dela e encostar os lábios em sua pele. Os homens são assim.

Falhas-CORRIGIDO.indd 105 25/01/2013 16:51:19









Os amigos da noite de domingo

No caminho que leva à casa de S. e J., pensei no lugar do intelectual em tudo isso. Sua situação, seja ele membro de um partido ou de um grupo da sociedade ou não, é ambígua e contraditória. Escrevi isso desde 1990 em *L'Exil, entre l'ancrage et la fuite: l'écrivain haïtien.* Seu exílio em terra haitiana é triplo, até mesmo quádruplo. Se é o mesmo de todo criador ou todo intelectual em qualquer outro lugar, aqui ele enfrenta o exílio da escrita em uma sociedade ainda oral, o da língua francesa e o da distância em relação à cultura popular rural e hoje urbana. Além disso, o intelectual sofre as tensões próprias ao *homo politicus.*

Assim como estes, carecemos de apoio institucional real, de universidade ou centro de pesquisas, expostos à precariedade e impelidos pela mesma necessidade obsessiva de visibilidade. Porém, apesar de tudo, representamos um poder, por ínfimo que seja. O único diário em língua francesa tem uma tiragem de menos de vinte mil exemplares para uma população de nove milhões de habitantes. Não é suficiente para provocar qualquer vertigem. Mesmo assim, é um poder. Assim, as lutas dentro de nós são tão ferozes quanto em outros lugares. Os *kalashnikovs* não são visíveis, o sangue não jorra, mas é como se fosse. E paradoxalmente essas lutas marcam mais profundamente a cada dia o leito de nossa insignificância e nossa infelicidade. Estaríamos portanto equivocados, nós os intelectuais, se nos acreditássemos indenes ou se pretendêssemos dar lições.

Comecemos talvez por formular as perguntas de maneira diferente da que até agora fizemos e procuremos encontrar proposições em outras

Falhas-CORRIGIDO.indd 107 25/01/2013 16:51:19

partes que não as jazidas há muito extintas, enquanto a complexidade do mundo aumentou consideravelmente nestes últimos decênios. Sobretudo, evitemos tomarmo-nos por justiceiros que ao somos. A veemência dos discursos nem sempre coincide com a lógica das ações.

O caminho para a residência de S. e J. não é muito longo. Aqui suspendo minhas interrogações.

J. e S. franquearam uma parte de sua propriedade às vítimas da zona e há semanas habitam em barracas. O escritório, que desabou na parte baixa da cidade, também foi transferido para uma tenda. Organizações feministas vindas do caribe hispanófono por iniciativa de Maria, feminista portorriquenha, também se instalaram em uma das tendas. Uma verdadeira colmeia e um quebra-cabeças real para S., que tem de fazer com que todos possam subsistir no que se transformou em uma aldeia de verdade. O *savoir-faire* e a generosidade de S. vencem cotidianamente os imprevistos e as dificuldades. As pessoas saem, passam, vão e vêm. Uma agitação incrível. Isso não nos impede que encontramo-nos agora sob duas grandes peças de lona presas ao muro da entrada. É preciso não perder os bons hábitos apesar da desgraça a nosso redor.

Em torno de uma refeição improvisada, precedida por conservas picantes unanimemente apreciadas, evocamos naquela noite a questão da corrupção. A pimenta não entra na escola do tema. É uma das especialidades da casa. J. se revolta com a corrupção que infecciona as instituições. J. tem razão, mas eu acentuo "certas instituições" e não "todas", para cair na armadilha da ideia de selva. J. aquiesce em parte. Eu acrescento que é também necessária, por parte das organizações que combatem essa corrupção, uma maior coerência em suas denúncias e em suas ações. Quantos membros dessas organizações não defendem publicamente pessoas ligadas a práticas mafiosas! E mais, que certos advogados em seu seio não tratem de defender indivíduos mais do que duvidosos! Tal confusão, além de reforçar a impunidade interna, suscita no grande público uma forte dúvida e serve de argumento importante no plano internacional. Mas sei também que a questão da cor e a questão social atravessam toda a corrupção. Já o escrevi: "À corrupção vem juntar-se a questão histórica do fenótipo. Se um governo pune um negro por um episódio de corrupção, este berrará, com todo um coro, que a cor negra de sua pele justifica a corrupção, pois ela é a da maioria pobre da população. Se o indigitado for um mulato, argumentará, com todos os seus amigos, que lhe estão cobrando a cor clara e o fato de que, desde a colonização, ele vem levando vantagem na acumulação e *savoir-faire* herdado de seu antepassado, o colonizador branco"[16]. As redes da justiça (e elas existem)

[16] *Libération*, "Gomorra à l'haïtienne", sábado 20 de dezembro de 2008.

Falhas-CORRIGIDO.indd 108 25/01/2013 16:51:19

que transformaram em especialidade a defesa dessas práticas, podem esfregar as mãos de satisfação. O futuro lhes sorri...

Antes de 12 de janeiro os debates eram às vezes veementes. Prosseguem assim sob as duas lonas azuis depois de 12 de janeiro. Os silêncios de J. continuam notáveis. J. pratica a arte consumada do silêncio e da lentidão. Às vezes os abandona para nos trazer pepitas vindas de seus meandros secretos. E nós escutamos. Falamos de todos os jornalistas estrangeiros que foram visitá-lo. E da dificuldade que tiverem para compreender. Alguns também vieram ver-me.

Portanto, nesta noite, a fim de acalentar nossos corações no grande júbilo das palavras, evocamos novamente Madame Smartt Bell e Russell Banks, os dois escritores estrangeiros que, exceto Césaire, melhor perceberam em minha opinião o que ocorreu e ocorre em nossos vinte e sete mil quilômetros quadrados. A literatura possui esse enorme poder de nos proporcionar, mais do que qualquer explicação e informação, o sabor do mundo. É preciso ler *Le Soulèvement des âmes*, de Madison Smartt Bell, para entender o que se fez no início da revolução de São Domingos com Toussaint Louverture. Tudo está ali retratado em um afresco luminoso, a exaustão dos escravos nas fazendas, os jantares dos senhores, os teatros, as crueldades banalizadas, as alcovas das amantes, os mercados improvisados nos portos, o grande comércio e a fermentação da revolta. Ao longo das páginas, percebe-se melhor como o despropósito é a medida do que nos trouxe ao mundo. E por que motivo nos é tão difícil escapar dele. Sente-se a massa silenciosa que nos agita o sangue desde então.

Banks, em *Continents à la dérive*, faz convergir dois destinos, o de um operário do nordeste norte-americano que segue para a Flórida em busca de um Eldorado, e o de uma jovem camponesa haitiana de uma aldeia perdida no nordeste da ilha, desafiando o oceano e todas as desgraças sob o olhar de seus deuses. Sempre me pareceu que tudo estava dito nesse texto a respeito dos destinos esmagados por uma máquina infernal também apanhada pela grande entropia do mundo. O movimento dessa grande ópera sombria parece seguir o do deslocamento dos continentes e nessas páginas não se pode avançar, e sim embrenhar-se, tomado por uma luz negra.

Em casa. Ligo o Skype (que ofereceu minutos gratuitos aos haitianos para chamadas ao exterior) e chamo meu filho mais velho e minha irmã. B., meu filho caçula, partiu para a República Dominicana. Não foi possível falar com ele. Sentimos muita falta dele. Nossa tentativa de falar com Noah foi em vão. Ele largou o microfone e se afastou da tela em plena conversação para brigar com a irmã Sarah.

É domingo. Não poderei ouvir uma transmissão que difundem as vozes dos que suam a camisa. Fala-se da produção de café, de cacau,

Falhas-CORRIGIDO.indd 109 25/01/2013 16:51:19

das iniciativas para organizar as associações de pescadores no sul, modernizar sua atividade e melhorar suas rendas. Das que dizem respeito aos plantadores de mangas facilitando-lhes empréstimos, de experiências pedagógicas que funcionam, de tentativas de agrupamentos regionais para assumir responsabilidades. Essas vozes que não ouvimos suficientemente, talvez não suficientemente numerosas, e que nos elevam.

Falhas-CORRIGIDO.indd 110 25/01/2013 16:51:19

Uma oficina para reconstruir-se

Quando os responsáveis pela fundação *Etre Ayisyen* me procuraram para uma atividade nos acampamentos, eu sabia que iria poder intervir em um domínio que me é caro. Há dois anos já trabalho com jovens de meios sociais diferentes no âmbito de projetos documentários. É uma escolha, em um país no qual os que estão no alto, os que estão em baixo e os que estão no meio se ignoram uns aos outros. Porque creio que colocá-los juntos em situação de aprendizagem sobre temas de interesse comum os transforma. Mesmo pelo tempo que dura uma oficina, para reconstruir-se. Porque creio que as imagens e as palavras projetadas em uma tela constituem um meio fantástico de comunicação e que a realização videográfica é uma porta de entrada inteligente para novas tecnologias. Trabalho com meios escassos. Evidentemente, o tamanho de meus projetos o permite. Mas é também uma escolha em um país onde a lógica da ajuda (já o disse suficientemente) é uma lógica louca que pode perverter tanto os que a recebem quanto os que a proporcionam.

Armada com minha experiência passada, imagino os contornos de uma atividade adaptada a essa situação nova e excepcional. Pensei, portanto, em uma fórmula que tem o mérito de ser para os jovens ao mesmo tempo terapêutica, didática e lúdica. Algo que permite começar o futuro de outra maneira.

Uma equipe multidisciplinar é rapidamente montada para levar a bom termo essa oficina (a estação das chuvas é iminente). É composta por Ronald, de uma professora canadense de cinema, Yolaine, que trabalhou

Falhas-CORRIGIDO.indd 111 25/01/2013 16:51:19

graciosamente comigo no passado (está de passagem durante apenas alguns dias), por um jovem cineasta haitiano, André, que fez suas primeiras incursões em projetos sociais no bairro popular de Carrefour-Feuilles, e por um jovem pintor e fotógrafo, Philippe. Todos são colaboradores com que posso contar.

Sigo com Yolaine, em uma manhã de fevereiro, pela primeira vez para o acampamento do clube de Pétion-Ville, o maior e mais numeroso da zona metropolitana. Quem me introduz é Rolf, jovem da faculdade de Ciências. Ali encontro o pastor Saint-Cyr, que não se contenta em ocupar-se do resgate de almas, mas também serve de interface entre as dezessete organizações que trabalham no acampamento com a população haitiana. Meu primeiro contato com o pastor é promissor. Ele me apresenta a doze adolescentes. São um pouco tagarelas. Seus olhos me examinam. Olham-nos com muita atenção. Conheço essa desconfiança instintiva, legítima, por trás da qual existe apesar de tudo uma ponta de curiosidade e esperança. Sempre me apoio nessa laje de espera para poder avançar.

Penetrar no acampamento pela entrada de Bourdon não é coisa fácil. Ela é vigiada por militares norte-americanos. Com razão. O clube faz parte da residência do embaixador dos Estados Unidos. Os deslocados se abrigam em uma parte do campo de golfe mais além. Os militares estão ali para impedir que o acampamento se estenda mais. É necessário, portanto, mostrar uma senha. Se minha entrada, no primeiro dia, se deu sem dificuldade, rapidamente perceberei a que isso foi apenas fruto do acaso, pois foi preciso forçar as portas durante os quatorze dias de duração da oficina.

Os jovens chegam na manhã de 27 de fevereiro calçados com sandálias, os pés brancos de poeira, os meninos vestidos de bermuda e amplas camisetas. As meninas não renunciaram a fazer-se bonitas. Mesmo no acampamento há clivagens: duas dentre elas são francófonas que dariam inveja aos melhores liceus da França, outras manejam o idioma francês com dificuldade, e ainda outras falam unicamente o dialeto *créole*. Resolveu-se começar por uma terapia de grupo. A terapia nos pareceu uma preliminar indispensável para que os adolescentes se libertem do trauma de 12 de janeiro, sintam-se mais à vontade e capazes de dirigir-se aos demais no acampamento durante o trabalho de filmagem. O investimento emocional é intenso nessa manhã. Alguns perderam parentes, amigos, colegas de classe, vizinhos. As palavras acabarão por passar por gargantas cheias de nós. Lágrimas sobre os olhos, correm pelas faces. Nós, da equipe, estamos emocionados, silenciosos, quase recolhidos. É a primeira vez em que eles falam de seus sofrimentos de forma tão livre, tão aberta. A sessão

Falhas-CORRIGIDO.indd 112 25/01/2013 16:51:19

terminará com as palavras de Gaétan que não perdeu nenhum parente nem amigo, mas se diz assombrado até durante o sono por dois olhos que entreviu sob os escombros e por uma voz que saía das ruínas para pedir socorro: "Meu filho, te suplico, tira-me daqui". Ele fez tudo, durante três dias, para retirar aquela pessoa cuja voz se enfraquecia aos poucos e cujos olhos se extinguiam. Na manhã do quarto dia ele não ouviu mais a voz e viu apenas uma cabeça abaixada. Desde então não consegue mais passar por aquela rua. Esse diálogo/escuta também permitiu aos jovens formar um verdadeiro grupo, em uma coesão que reforça a autoestima, o sentido de solidariedade e decuplica sua eficiência.

Desde a tarde do primeiro dia Yolaine mostra a câmera, a desmistifica como sabe fazer tão bem, insistindo ao mesmo tempo no cuidado de que deve ser cercada para manipulá-la. Alguns veem uma filmadora de perto pela primeira vez. A atenção é constante. As línguas ainda não se soltam. Mas tocar a câmera já é uma pequena graça que ilumina os olhares. Os exercícios práticos do dia seguinte, como as primeiras experiências do trabalho com André, desfazem os nós aos poucos. Surgem as primeiras brincadeiras, as risadas também, e não cessarão. O caráter lúdico da atividade os metamorfoseia a partir do terceiro dia. Nós, da equipe, sabemos nesse exato momento que uma primeira vitória foi ganha. O segundo tempo é o da preparação dos cenários e em seguida a filmagem. Três dias de trabalho durante os quais as ideias são classificadas e postas em coerência para obter um todo que permita avançar no caminho. Eles se aproximam das pessoas que escolheram para entrevistar, preparam as perguntas, marcam os lugares de filmagem. Constituem-se duas equipes, cada uma com seu cenário e seu roteiro. Filmar é também planejar e eles acabam compreendendo.

Sabemos que a vitória é definitiva depois do primeiro dia de filmagem. A chuva caiu fortemente durante toda a noite anterior e um chuvisco ainda persiste. Perfeito para um batismo de fogo. Apesar da lama, que dificulta a marcha, conseguimos chegar ao fim do programa. Cada equipe sabe que há somente uma câmera e que é preciso utilizar da melhor forma o tempo disponível. O acolhimento no acampamento é positivo, generoso, até mesmo entusiástico, porque quem está no comando são os adolescentes do lugar. E isso faz diferença.

Dois documentários de dez minutos cada um tendo por título: *Nap viv kan menm* e *Jodi pa demen*[17] são então projetados no sábado 28 de março. Também nisso é preciso improvisar. A projeção é feita debaixo de uma árvore, no espaço que serve de igreja para o pastor Saint-Cyr. Rapidamente os mais pequenos assaltam as primeiras filas e se sentam

[17] *Vivemos apesar de tudo* e *Os dias se sucedem e não se parecem*.

Falhas-CORRIGIDO.indd 113 25/01/2013 16:51:19

sobre latas vazias. Os adultos chegam trazendo cadeiras e outros tomam lugar em filas cerradas em torno da árvore. Os jovens cineastas, em roupas de domingo, são as vedetes daquele serão. Todos esperam febrilmente as primeiras imagens.

Os comentários jorram de todos os lados, os momentos de silêncio são palpáveis. Os espectadores não escondem a alegria de ver na tela um mundo que é o seu, trazido pelos filhos do lugar. A noite terminará em uma apoteose com a projeção-surpresa de algumas imagens do *making of*, com fundo musical de *rap créole* que todos cantam em coro.

Nós da equipe de enquadramento, cerramos essa oficina com a mesma convicção profunda que tínhamos antes do 12 de janeiro, a do imenso potencial dos jovens haitianos, de sua sede de aprender e da dificuldade do sistema de valorizá-los.

Durante uma das sessões de preparação dos cenários, um dos jovens me fez a seguinte pergunta: "Yanick, é verdade que somos competentes na arte de sobreviver, mas... e se começássemos simplesmente a viver?". Porque, com efeito, sobreviver é saber utilizar todas as astúcias possíveis, desde a mentira ao roubo, passando até mesmo pela venda do corpo a fim de dar o que comer aos filhos, mandá-los à escola ou ter acesso a cuidados médicos. Eles já estão impregnados até a medula com esse *savoir-faire*.

Há algo de exótico na glorificação da capacidade de recuperação dos haitianos. Nós, os haitianos intelectuais e/ou privilegiados, também nos deixamos encantar com essa ideia. Quanto aos estrangeiros, fizeram dela um *leitmotiv* que se transformou em clichê. Viver, e não sobreviver, nos tornará sem dúvida menos exóticos, porém apenas banalmente vivos.

Cartier-Bresson definiu a fotografia como o fato de "colocar na linha de mira a cabeça, o olho e o coração". E se viver fosse simplesmente isso? Nossa única utopia, no âmbito daquela oficina, não era conceder um privilégio (porque o privilégio não é generalizável), mas proporcionar a adolescentes chamados a projetar o futuro a oportunidade de exercer um direito. Um direito à vida.

Falhas-CORRIGIDO.indd 114 25/01/2013 16:51:19

O tempo se alonga, minhas palavras também

Meados de agosto. A praia, pela primeira vez depois do terremoto. A água está na temperatura de que gosto. Quente como desejada. Tenho o hábito de repetir que o Haiti não é nem um cartão postal e nem um pesadelo. Naquele domingo mais do que nunca. Estou exatamente entre a água, o sol, a areia e o céu. Nem em um cartão postal e nem em um pesadelo. Em alguma coisa que faz meu sangue cantar docemente. É tudo.

No dia 12 de janeiro o tempo parou, cada segundo ficou pesado. Não tínhamos passado nem futuro. Estávamos na aniquilação única do instante. Chumbados em um presente estreito e negro.

Todas estas páginas em dois meses e meio para dizer. As palavras jorraram como fragmentos de um corpo. Certos projéteis me atingiram muito antes do 12 de janeiro e naquele dia simplesmente se enterraram mais profundamente em minhas carnes. Quase perdi por causa deles o fôlego e o sono, mas prossegui. Tinha de fazê-lo. Apesar de minhas próprias falhas. Em fim de contas, terei me colocado em perigo ou em representação, ou em ambas as situações? Não sei.

A projeção do documentário no acampamento de Pétion-Ville foi feita no dia 28 de março. Ao sair do acampamento naquele dia, olhei de outra maneira os homens com os quais cruzava e pensei nas mulheres e nas adolescentes que eram sistematicamente violentadas.

Naquele momento deixei de tomar notas. Os acontecimentos se sucederam uns após os outros, remexendo em nós todo tipo de nuances

Falhas-CORRIGIDO.indd 115 25/01/2013 16:51:19

e clarões, interrogações e esperas. Iluminaram ao revés essas primeiras notas. Retomei a redação nos primeiros dias de julho.

Seis meses depois, a sucessão dos dias, das horas e dos minutos parece querer inscrever-se agora em uma duração que é a do hábito e do esquecimento. O tempo se alonga, se acomoda, retoma suas marcas.

Início de maio. Partida para Nantes a fim de lançar a pedra fundamental do primeiro memorial sobre o tráfico de negros e a escravidão na França. Numa cidade por onde transitou, em meados do século XVIII, a metade dos navios negreiros a caminho da América. Doze anos de luta da municipalidade para cumprir esse dever de memória. Congratulações! Para mim, grande emoção no cais da Fosse. Emoção muito grande.

Com a estação quente e as chuvas de agosto, morar em tendas se transforma em pesadelo. O suor crepita na pele como água fervente, quando as chuvas não fazem de cada lugar uma versão reduzida do dilúvio.

Alguns, que regressaram ao que resta de sua antiga morada ou que passaram a viver em casa de parentes ou amigos, saíram dos acampamentos. Cinquenta por cento dos que haviam abandonado Port-au-Prince no dia seguinte ao 12 de janeiro regressaram. A paisagem, na Place Boyer, tomou ares de um "viva a diferença" à haitiana. Imaginem prédios que quisessem adotar uma aparência de Ocidente, Manhattan ou Miami, em volta de um pátio de milagres da Idade Média. Uma visão telescópica alucinante. Dois bancos, uma loja de móveis de *design*, uma agência de publicidade, um importante local de vendas de uma empresa de telefones celulares, e no meio um acampamento feito de barracas, de piquetes de madeira sustentando panos emendados, lonas e pedaços de plástico lado a lado para formar abrigos. Seis meses depois, as tendas já têm aspecto vetusto e deixam passar a água. Porém o mais insólito nessa visão telescópica do tempo é realmente a presença de um restaurante chinês e de uma *brasserie* europeia. A pestilência de latrinas rudimentares se insinua em sopas *won ton*, os eflúvios de detritos enfeitam um *magret* de pato, uma mosca termina o voo viscoso sobre a delicada crosta de uma *crème brûlée*. Tudo nos contraria, inclusive as ONGs e a comunidade internacional.

No pequeno vale atrás de minha casa a população aumentou sensivelmente. O barulho também. Aos aficionados da música *compas*, *ragga, rap* ou *créole* veio juntar-se um apaixonado incondicional pelo *trey*, música trazida da fronteira entre o Haiti e a República Dominicana tocada em uma guitarra de três cordas. A casa cuja construção recomeçou a partir de 15 de janeiro sem preocupar-se com a nova regulamentação está quase pronta.

Falhas-CORRIGIDO.indd 116 25/01/2013 16:51:19

Três acontecimentos me mostraram que o comum dos dias muito comuns tecia sua trama: a reabertura das escolas, as partidas eliminatórias da Copa do Mundo e os velórios.

Certas escolas não esperaram a autorização dos poderes públicos e reabriram desde fevereiro. Pelo rádio, numa tarde de fevereiro, fiquei sabendo que em Petit-Goâve uma escola havia reaberto as portas. Uma das primeiras a fazê-lo. Os pais, professores e crianças diziam o quanto a escola representava para eles um retorno à vida. Neste país, as portas de uma escola são as portas da vida. Como pano de fundo, ouviam-se os risos das crianças. Algumas semanas depois encontrei Lissa, uma das jovens do acampamento do Clube de Pétion-Ville, na escola dela, com o uniforme impecavelmente passado. Era difícil para mim imaginar o que aquilo podia representar em termos de esforços, quando se mora em uma tenda: sair todas as manhãs com um uniforme impecável. Imediatamente pensei na mãe de Lissa. Há algum tempo escrevi, a respeito da favela atrás de meu muro: "Simplesmente pelo olhar, sabe-se que as mães começam a imaginar como farão para preparar uma refeição para tanta gente. Ou, pior, como enganarão a fome. A sobrevivência consiste em desafiar as regras matemáticas. Aqui, um mais um não são dois, e sim cinco."[18] Carente de recursos, a mãe de Lissa sem dúvida desafia diariamente as regras da organização elementar em um espaço tão reduzido. Ainda na favela atrás de minha casa, as crianças recomeçaram a estudar em voz alta, em francês, língua que não falam. A apanhar dos pais, que visivelmente continuam a detestar pessoas que estão muito longe deles. Por isso, os pequenos pagam. Uma mulher paga também, berrando sob os golpes repetidos de um marido embriagado. Insustentável.

Gritos em plena noite. No dia seguinte, uma agitação pouco habitual. Uma lona azul (quase todas são dessa cor) foi instalada no telhado de uma casa e os jogadores de dominó colocaram as cadeiras e a mesa debaixo dela. Até então eu não via os jogadores, simplesmente os ouvia lá embaixo, mas agora poderia vê-los, ouvir mais de perto o ruído das pedras de dominó e as intermináveis discussões desde o despertar até a hora de dormir. Adeus, tranquilidade. Mas ao cair da noite, quando o rumor das vozes aumentou, entrecortadas dos gritos das carpideiras, compreendi que se tratava de um velório. Um dos primeiros mortos que não partia *sans bruit sans compte**. Sinto-me quase aliviada por esse retorno à vida por meio da comemoração da morte. A vida retoma realmente seu curso, pois os mortos são enterrados como se deve. Adormeço naquele dia em meio aos cânticos do ritual vudu e dos risos dos contadores de histórias.

[18] *Libération*, "Gomorra à l'haïtienne", sábado 20 de dezembro de 2008.

* Sem ruído e sem ser notado. (N.T.)

Falhas-CORRIGIDO.indd 117 25/01/2013 16:51:19

Por ocasião das eliminatórias da Copa do Mundo, os comentários de um cronista esportivo me convenceram definitivamente do retorno à vida, por meio do retorno ao desprezo, essa vingança da desgraça que praticamos tão bem. Eu não havia compreendido imediatamente que ao recordar o *goudougoudou*, designação popular do terremoto, ele falava de Messi, o jogador de futebol argentino, cujos dribles e jogadas eram a seus olhos tão implacáveis para os adversários quanto um sismo. Não pude deixar de rir às gargalhadas. Pouco tempo depois, entre o fim do mês de junho e o início de julho, a Copa do Mundo nos fez esquecer durante algumas semanas os sofrimentos do momento. Realmente. Quem nunca viu o apoio desenfreado, desvairado, dos haitianos à equipe brasileira ainda não sabe o que é na verdade o fanatismo.

Nas ruas, os aleijados são muito mais numerosos. Muitos mendigam não longe dos sinais de tráfego, onde param os carros. Podem ser reconhecidos pelas muletas novas. Pelas roupas que alguns vestem, adivinha-se a queda de gente que tinha emprego e o perdeu depois do terremoto ou por causa do defeito físico. Penso no jovem de vinte e seis anos ao qual fiz a pergunta, no sinal vermelho do alto de Delmas, antes do cemitério de Pétion-Ville. No menino de sete anos no acampamento de Dampus, em Léogâne, que participava com os amigos na primeira animação da biblioteca pública. Meu Deus, como esse 12 de janeiro nos fez mal!

A comissão provisória encarregada de coordenar a ajuda tem dificuldades para iniciar seus trabalhos e parece esperar a parte internacional para fazê-lo, enquanto esta última aguarda o início das atividades para manifestar-se. Um jogo que bem revela a ambiguidade dessa comunidade internacional em relação a nós, e também nossos claros limites quanto à gerência dessa reconstrução, assim como quanto à governança em geral. Clinton afirmou em voz bem alta sua frustração ao verificar a lentidão dos desembolsos seis meses após o terremoto. Até agora somente o Brasil e a Noruega cumpriram suas promessas. Dois homens muito ricos, um mexicano e um canadense, abriram os cofres e fizeram uma doação de vinte milhões de dólares.

As ONGs, em troca, ganharam muito e dez por cento delas rasparam oitenta por cento das somas totais alocadas. Enquanto isso suas ações, na maioria, não são nem controladas e nem coordenadas pelo Estado. Existem ainda pessoas na função pública, na sociedade civil e em outros setores que procuram fazer mudanças. Mas existirá no mundo exemplo mais flagrante de uma selva tão cientificamente organizada? Houve finalmente uma reunião em 18 de agosto. Alguns projetos foram definidos, mas o dinheiro ainda tarda... Isto é, o período de amnésia

Falhas-CORRIGIDO.indd 118 25/01/2013 16:51:19

foi curto, durou o tempo do eletrochoque de 12 de janeiro, nada mais. Todos os pretextos servem para explicar o atraso dos desembolsos ou simplesmente a destinação dos recursos a outra coisa. Roody tem razão ao recordar que "esse boca a boca artificial nunca reanimou nenhuma sociedade enferma de subdesenvolvimento. O subdesenvolvimento é um tipo de patologia que provoca uma espécie de hábito em relação à ajuda e instaura a dependência."[19] Pode-se dizer que acabamos por nos tornarmos drogados, dependentes de uma cocaína, de um *crack* que se chama ajuda internacional. A reconstrução, a verdadeira, pressupõe um acompanhamento de qualidade vindo de fora (porque precisamos de ajuda), porém exatamente por um tratamento de desintoxicação que passaria pela tortura da privação dos tóxicos antes do longo caminho para a dignidade. Estamos ainda longe.

Em troca, muitos cidadãos do mundo, anônimos, continuam mobilizados. Interrogam-se, agem e desejam prosseguir a ação. O descompasso entre a ajuda internacional e os cidadãos do mundo é espantoso. Resta a questão do marco no qual essas ações cidadãs devem inscrever-se. Quem o definirá localmente para essas intervenções?

Devido ao status peculiar do Haiti na história mundial, eu havia acreditado que a comunidade internacional aproveitaria a oportunidade do terremoto para repensar a lógica da ajuda. Bem, enganei-me. Se o Haiti foi "o lugar onde o nó do colonialismo foi atado pela primeira vez, e pela primeira vez desatado"[20], o nó da ajuda não será desatado aqui.

Hoje de manhã parti para Léogâne a fim de visitar de novo os dois acampamentos onde serão instaladas bibliotecas, uma em Dampus e outra em Darbonne. É um projeto financiado pela cooperação francesa com apoio da ONG Bibliotecas sem Fronteiras. Esses acampamentos são geridos por jovens haitianos: Rochnel em Dampus e James em Darbonne. Sempre a mesma desolação e essa certeza de que ela será longa. Mas sempre essa determinação dos jovens que querem apesar de tudo contar os dedos do sol. Os engarrafamentos em Carrefour e Martissant são ainda um quebra-cabeças entre lama e buracos. Uma parte do trecho está em reparos há meses. Isso complica demais a circulação. Tanto na ida quanto na volta. No carro, penso nos trinta e sete candidatos inscritos para a corrida presidencial. Qual deles será capaz de fazer com que essa estrada não seja mais um pesadelo? Qual deles proporá que dois milhões entre os nove milhões de haitianos saiam da faixa de pobreza durante seu mandato? Qual deles enfrentará resolutamente o problema do meio ambiente? O da demografia galopante? Quem atacará de frente o sistema judiciário?

[19] Roody Edmé, "Empathie versus sympathie!", *AlterPresse*, 20 de abril de 2010.
[20] Laurent Dubois, op. cit.

Falhas-CORRIGIDO.indd 119 25/01/2013 16:51:19

Qual modificará a situação da educação? A situação linguística? Por uma educação de qualidade, coerente com sua época, mas com conteúdos que visem proporcionar confiança em si. Num país em que a própria língua *créole* difunde elementos semânticos de exclusão, o que favorecerá a emergência de novos criadores de riquezas em todas as camadas sociais, a fim que não se diga mais que no Haiti o dinheiro tem a cor da pele? A fim de que não projetemos a imagem de um *apartheid*? Qual criará novas saídas para a agricultura, a pesca, a indústria e os serviços? O imaginário coletivo, e especialmente o dos jovens, tem necessidade urgente dessas chicotadas. A reconstrução não pode ser apenas a dos prédios e ruas.

A instituição eleitoral tem ainda um longo caminho a percorrer para ganhar a confiança dos cidadãos. E os partidos estão incapacitados para mobilizá-la. Pelos motivos que conhecemos. Ou, na ausência de uma verdadeira base social, "o pessoal político correrá no vazio e acabará por ligar-se como limalha de ferro ao ímã das forças do dinheiro que sempre arbitraram o jogo político em detrimento do conjunto da nação."[21] E hoje, quando o lícito e o ilícito se dão bem, as forças do dinheiro são também tanto as do comércio e da indústria quanto as do contrabando dos chefões da droga/chefões da morte e outros negocistas, todos unidos para melhor esquartejar o cadáver. Ela irriga os ambientes da justiça (eu disse mesmo da justiça), da música, da política e assim por diante.

O casal lícito/ilícito também compreendeu perfeitamente que em terra de desconfiança secular, os jovens, futuros eleitores majoritários e sem futuro, preferem a garantia de um gozo imediato, mesmo ilusório. Preferem os fogos de palha de *fusão*, como os concertos de música, o *bòz* e o *pay*[22] às promessas de uma felicidade que não chegará nunca. O casal lícito/ilícito tenta hoje manter o terreno ainda fértil do populismo sob a forma nova do juvenilismo.

Que dizer da candidatura de Wyclef Jean, senão que ela se inscreve na moda atual? Nesse vazio do desespero dos jovens urbanos em que tudo pode ser absorvido. Mas Wyclef Jean causa menos temor às elites do que certos intelectuais e não intelectuais daqui e da diáspora pretendem fazer crer. Há muito tempo as elites recebem essas vedetes em seus salões, em seus barcos, em suas mansões à beira-mar ou na montanha. Brandir essa candidatura como um espantalho pode fazer tremer certas pessoas, mas é um clichê gasto, ultrapassado. E aliás, a verdadeira questão será atemorizar ou modificar as coisas? Se a única obsessão de Lula tivesse sido a de causar medo, não creio que tivesse resgatado vinte milhões de brasileiros à pobreza. Sua primeira preocupação era a de mudar as coisas.

[21] Roody Edmé, "Les défis de la reconstruction", *AlterPresse*, 15 de fevereiro de 2010.
[22] Designações populares da marijuana.

Falhas-CORRIGIDO.indd 120 25/01/2013 16:51:19

Isso o colocava imediatamente a uma certa altura para realizar esse salto qualitativo e histórico.

Na véspera de eleições cruciais, estamos talvez prestes a dar novo rosto a um populismo mais antigamente ancorado, uma espécie de convergência do duvalierismo e de Lavalasse[23] (tendências pesadas que justamente nos esmagam há demasiado tempo). Duvalierismo e Lavalasse saíram do mesmo molde cultural, da mesma concepção de poder e de chefe, do mesmo binômio intransponível do senhor e do escravo. Seu postulado inicial, o da constatação de uma grande exclusão, é justo, mas suas respostas são errôneas e contraproducentes e são responsáveis por estarmos onde estamos hoje. A cidadania ainda está longe. Muito longe.

O poder em exercício terá capacidade de mobilizar? Não tenho certeza. Por meio das estruturas do aparelho administrativo, as do aparelho eleitoral e da injeção de dinheiro, talvez possa conseguir suscitar dez por cento de participação. O que vale para a oposição vale portanto para o poder constituído. O jogo continua aberto. Muito aberto. Tudo é possível.

Há mutantes em todas as camadas e categorias sociais (os camponeses, os jovens, o setor econômico, o setor político, as mulheres, as organizações locais, os funcionários) que simplesmente não aceitam inscrever-se nas regras do jogo tradicional. Que se engajam cotidianamente "de coração fervente" e sabem dar à moderação "seu justo lugar". Toda a questão é saber como reunir esses mutantes em uma associação. Que estrutura poderá deflagrar uma dinâmica capaz de juntá-los? Uma dinâmica capaz de sustentar um projeto no qual o desejável e o possível se encontrem em algum lugar.

Durante a semana, três novidades. A primeira é que a falha que se ativou não é a falha de Enriquillo, e sim uma falha desconhecida até então, chamada falha de Léogâne. Quantos acasos geológicos para vinte e sete mil quilômetros quadrados! A segunda foi uma homenagem póstuma a Gina, que havia transformado a cartografia geoespacial em paixão. A terceira é que finalmente foi oficialmente designada a localização da nova Universidade de Estado do Haiti. Essa mudança de local deveria em princípio augurar uma mudança total de orientação, de organização e de conteúdo, e o fim do domínio dos caciques. Essas duas últimas novidades atenuam a má.

Na pausa do meio-dia deixei a formação dos jovens, futuros animadores das bibliotecas, para visitar a exposição do pintor Killy nos Ateliers Jerome. Amo os artistas plásticos com obsessões tão marcantes como as de Killy. Uma cabeça de olhos cegos, declinada ao longo de uma

[23] Movimento que levou o ex-presidente Aristide ao poder.

Falhas-CORRIGIDO.indd 121 25/01/2013 16:51:19

quinzena de telas, nos interroga e acaba rapidamente por habitar-nos, a nós os visitantes dessa exposição. O corpo mutilado, repetido em cinco quadros, conclui essa interrogação muito física e ao mesmo tempo metafísica. Vermelho, negro e branco. A economia extrema de cores sustenta a economia essencial da interrogação. Apesar do prazer que senti em descobrir o toque cada vez mais firme de Killy, diria, contrariamente a um discurso muito em voga, que a produção artística não nos salvará. Repeti-lo equivale a inscrevermo-nos na lógica de uma sedução hoje estéril. "Haiti, um povo que sofre mas que dança, canta, pinta e escreve um francês formidável". O momento histórico exige outra coisa. Um projeto de sociedade. Uma outra maneira de fazer política, de produzir e de tecer novas relações entre as pessoas. Será preciso salvaguardar o patrimônio e acompanhar os artistas.

Não estou dando um tiro no pé da escritora que sou. Porque o que surgirá disso não nos impedirá em nada de escrever, de pintar ou de dançar. Talvez o façamos de outra forma, talvez sejamos menos exóticos. Não sei. Mas sei que sentirei um imenso alívio por não evocar mais a saúde da desgraça.

Deitada sob uma árvore entre o céu e a areia, disse a mim mesma: finalmente, para que servem todas essas palavras? Talvez tudo isso não tenha acontecido. Talvez tudo isso que foi escrito seja somente uma história inventada para suscitar lágrimas fáceis ou fazer elevar-se a cólera, como leite fervendo. De qualquer maneira, as lágrimas e a cólera serão varridas enquanto o mundo em seu curso nos leva inexoravelmente ao peso da negação, do hábito e do esquecimento. A menos que nos juntemos ao grupo dos irônicos que se entregam a zombarias desde que se traz à baila a própria noção da urgência básica. Esses são os que fizeram do sarcasmo, da petulância e do cinismo seu pão de cada dia.

P. me recorda que a dúvida é boa. Penso no reverso que nos acompanha no ato de escrever e que às vezes nos abandona no caminho para ir mais longe e mais depressa do que nós.

Olho as nuvens que se acumulam no horizonte. A terrível temporada de ciclones anunciada ainda não ocorreu. Nós a tememos e a aguardamos.

Em minha cabeça, uma chuva cai interminavelmente, interminavelmente.

Falhas-CORRIGIDO.indd 122 25/01/2013 16:51:19

Ainda não sei

A porta se abriu para uma sala com todas as cortinas abaixadas e imersa na penumbra. Uma noite que ainda não é. Sombras suaves lançadas sobre essas imagens ofuscantes e duras da cidade lá embaixo, na distância, e que teriam, quem sabe, envenenado até mesmo os abraços deles. Nathalia faz Guillaume entrar primeiro. Ele pouco se adianta. Nathalie fecha a porta e, ao voltar-se, Guillaume a segura pela nuca. Ela se alça na ponta dos pés e ele a beija com força na boca.

Entre o projeto de ambos sobre uma comunidade no Planalto Central e suas emoções nas alturas de Pacot, ainda não sei o que acontecerá com Nathalie e Guillaume.

Falhas-CORRIGIDO.indd 123 25/01/2013 16:51:19

Formato	15,5 x 22,5 cm
Mancha gráfica	12 x 18,3cm
Papel	pólen soft 80g (miolo), cartão supremo 250g (capa)
Fontes	Verdana 13/17 (títulos),
	Book Antiqua 10,5/13 (textos)

Falhas-CORRIGIDO.indd 124 25/01/2013 16:51:19

Assim que saíram do estado de torpor, os sobreviventes do terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti pensaram: "reconstrução". Com eles, Yanick Lahens retomou seu trabalho, o incansável trabalho das palavras. Este curto relato, movido pela dupla necessidade de contar o horror e a superação, é um testemunho disso. Vagando pelas ruas de sua cidade destruída, a escritora parte de sua própria experiência: antes do terremoto, ela planejava escrever uma história de amor. Revisitando o cenário devastado de sua ficção, ele é tomado pela história imediata. Como escrever, questiona-se, sem transformar a desgraça em algo exótico, sem fazer disso uma oportunidade de recrutamento?

Testemunho, impelido pela urgência, imerso de compaixão, mas também de reflexão, *Falhas* detém-se na inominável que foi a catástrofe haitiana e alerta que, para os haitianos, seria irresponsável não mudar suas percepções e seus comportamentos.

Para Yanick Lahens, a falha geológica que engoliu Port-au-Prince, impediu que se ignorasse as demais – social, política, econômica. Não há fatalidade na desgraça do povo haitiano, nem mesmo nas carências das elites e da ingerência das organizações internacionais: essa é a convicção da escritora que, apesar do quadro não complacente que ela pinta da realidade de seu país, enche as suas páginas de uma formidável bravura.

ISBN 857631402-9
9 788576 314028

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO
www.funag.gov.br